

1898

10 TRIMESTRE

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO DO CEARÁ

Sob a direcção de Dr. Guilherme Studart

ANNO XII

1.º Trimestre de 1893

~~~~~  
*TOMO XII*  
~~~~~

Dedimus profecto grande
patientiae documentum.

ASSIGNATURA ANNUAL 6\$000



FORTALEZA

TYPOGRAPHIA STUDART

Rua Formosa, n.º 46

—
1898

SUMMARIO

	PAGINA
—Descrição geographica abreviada da Capitania do Ceará. Pelo coronel de engenheiros Antonio José da Silva Paulet	5
—Presidentes do Ceará. Periodo Regencial. 7.º presidente Senador José Martiniano de Alencar. Por Paulino Nogueira	34
—Descrição do porto de Fortaleza. Pelo Capitão de Fragata Marques Giraldes	58
—Extracto da Narrativa de Lord Cochrane, conde de Dundonald e marquez do Maranhão, na parte relativa ao Ceará	61
—Ephemerides. Ceará Republicano. 1891.	65
—Variedades sobre assumptos Cearenses.	75



MESA ADMINISTRATIVA

DO

Instituto do Ceará

PRESIDENTE.—Dez.^{or} Paulino Nogueira Borges da Fonseca.

VICE-PRESIDENTE.—P.^e Doutor João Augusto da Frota.

1.^o SECRETARIO.—Senador Joakim de Oliveira Catunda.

2.^o SECRETARIO.—João Baptista Perdigão de Oliveira.

ORADOR.—Julio Cesar da Fonseca Filho.

THESOUREIRO.—Bacharel Virgilio Augusto de Moraes.

COMMISSÕES

DE ESTATUTOS

Joakim de Oliveira Catunda.—Bacharel Virgilio Auguste de Moraes.—Julio Cezar da Fonseca Filho.

DE REDACÇÃO

Bacharel Virgilio Augusto de Moraes.—Bacharel Antonio Augusto de Vasconcellos.—Dez.^{or} Paulino Nogueira Borges da Fonseca.

DE HISTORIA, GEOGRAPHIA E ESTATISTICA

Doutor Guilherme Studart.—Antonio Bezerra de Menezes.—Juvenal Galeno da Costa e Silva.

DE SCIENCIAS E LETTRAS

P.^e Doutor João Augusto da Frota.—Bacharel Thomaz Pompeu de Souza Brazil.—Bacharel Virgilio Brigido.

DE ACQUIÇÃO DE DOCUMENTOS

João Baptista Perdigão de Oliveira.—Antonio Bezerra de Menezes.—Joakim de Oliveira Catunda.

DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Doutor Guilherme Studart.—Julio Cesar da Fonseca Filho.—P.^e Doutor João Augusto da Frota.



DESCRIPÇÃO GEOGRÁFICA ABREVIADA

DA

CAPITANIA DO CEARÁ

PELO CORONEL DE ENGENHEIROS

Antonio José da Silva Paulet

Contém a capitania uma só comarca, que se estende em longitude pela costa na linha de E. S. E. ao O. N. O. 160 leguas, contadas do modo vulgar, e segundo a carta hidrográfica de Tufinho de 1810, pelo meridiano de Cadiz em 110 leguas desde $31^{\circ} 30''$ até 33° , e segundo a Columbia prima desde $37^{\circ} 15''$ até $41^{\circ} 30''$.

Confina pelo N. com o mar, pelo S. com a capitania de Piauí e comarca do sertão de Pernambuco, pelo E. com a capitania da Parahiba e Rio-Grande, e do lado do O. com a do Piauí. A extensão da comarca e o numero de suas villas faz parecer, que ella é de muita consideração, porém examinada acha-se de pouca importancia em relação á sua extensão e quantidade de villas.

Ha na comarca 17 villas, começando de E. para O.

A' beira mar se encontra a villa de Santa Cruz do Aracati, São-José de Ribamar do Aquiraz, Mecejana, Fortaleza, Arronches, Soure. Daqui caminhando ao S. O. se vae á villa do Sobral; descendo á beira mar se encontra a Villa de Granja; cortando ao S. se vae a Villa-Viçosa, e

Villa-Nova de El-Rei; dahi caminhando a E. está a villa de Campo-maior; ao S. d'esta a de São-João do Principe; para E. S. E. a villa do Crato; no mesmo rumo a de Santo-Antonio do Jardim; descendo pelo rio Salgado a rumo de N. se vae á villa do Icó, e no mesmo rumo á villa de São-Bernardo, e d'ella ao O. Monte-mór o Novo.

D'estas são de indios cinco, Mecejana, Arronches, Soure, Villa-Viçosa e Monte-mór, que só tem de villa o nome. Villa-Nova de El-Rei e São-João do Principe são insignificantes e vão acabar. Em nenhuma das villas da comarca ha hospital, caza de Misericordia ou instituto algum de caridade. A lavoura e a criação de gados é donde provém a matença dos habitantes.

A primeira consiste em mandioca, milho, arroz, feijão e algodão.

Apezar das muitas cordilheiras, que circulam, atravessam e se ramificam pela capitania, e das quaes se deviam esperar muitas nascentes nas fraldas das serras, não ha rios caudaes. A serra, que circunda a capitania, denominada Serra-Grande, desde a Timonha ao O. da Granja até a villa do Jardim, tem grandes nascentes, mas estas pendem para a capitania do Piauí, e vão formar o grande rio Parnahiba.

N'esta capitania ha o rio Jaguaribe, que vae fazer foz no Aracati; nasce acima de São-João do Principe, e vem unir-se com o rio Salgado, que nasce na serra do Araripe, uma legua acima do Crato, a baixo do Icó. Traz um curso de mais de 90 leguas; corria em outro tempo, ainda que pobre, até a villa do Aracati; depois da sêca dos trez annos até 1792, chamada vulgarmente a sêca grande, entrou a chegar até 40 leguas no verão, hoje não passa de 15, e vae diminuindo em proporção que suas aguas têm sido divertidas no Crato por augmento de cultura: nasce do coito, que no interior d'este paiz, o mais abundante por suas vertentes, buscaram os habitantes dos sertões flagelados de continuas sêccas, e os criminosos das capitancias confinantes, pelo mal entendido sistema de distrito, que faz julgar aqui os homens de diferentes comarcas como de nações estranhas.

O rio Acaracú, que nasce junto da mesma Serra-Grande, em termo de Villa-Nova de El-Rei, e que passa pela do Sobral e vae fazer barra no mar, 20 leguas distante, d'esta villa, séca ordinariamente em Agosto.

Não ha fontes e os povos bebem de poços, ou cacimbas cavadas nos leitos dos riaxos, e em outros lugares. E' por isso muito penozo viajar no verão; não se conhecem estalagens em todo esse paiz, e os viajantes ordinariamente se agazalham no mato.

Nos mezes de Dezembro e Janeiro é mui mesquinho o pasto, e muitos annos o não ha, e a falta de agua é extrema; taes são as estradas de Campo-maior para o Sobral, onde se encontram aguas insuportaveis por salinas, e essas mui escassas.

N'estes mezes não ha carne nas villas ainda as mais abundantes de gados, como Sobral, Campo-maior e Icó; os gados emigram 10 e 20 leguas ás vezes, em demanda de agua, só ficam aquelles que por sua magreza não podem caminhar, e morrem.

As matas são todas de arvores pouco ramozas, como carnaúbas, sabiás e juremas, que apenas dão caibro, e só nas serras se encontram algumas arvores, como cedro, páos de arco, rabuge, gonçalo-alves, e outros; e por isso estando toda a superficie do terreno exposta ao grande calor, o pasto fica torrado, quebradiço, e o vento que sopra tempestuosamente o leva.

Da falta de nascentes provem a dependencia absoluta da chuva, de que se fazem açudes para a bebida da gente e do gado. Não se comprehende a marcha da Natureza n'este paiz; apparecem ordinariamente as primeiras chuvas em Janeiro que pouco duram; no equinocio de Março começa o inverno, e nos fins de Maio, em regra, é findo e não chove, quando o sol está na maxima distancia.

Outros annos chove despropozitadamente, e as chuvas, que se alargam, fazem apodrecer os pastos, que faltam no verão.

Nos invernos regulares produz abundantemente os frutos do paiz, mas é mui raro encontral-os.

Os frutos não saem para exportação e nem mesmo

servem ao mercado interior de uns para outros povos da capitania por ficarem a grandes distancias, como a villa do Crato, a mais produtiva por suas vertentes, que dista mais de 90 legoas da do Aracati, na beira mar; a serra da Uraburetama, 30 leguas da villa da Fortaleza, e lugares similhantes, e por isso despendioza condução em relação ao valer do genero. Consomem-se pois os frutos no terreno de sua produção e se desperdiçam por se não poderem rezervar sem corrupção, de uns para outros annos, como succede ao milho, feijão e ao mesmo arrôz.

As serras produzem algumas frutas; o uzo da hortaliça ainda no inverno é desconhecido. Não ha peixe no interior do paiz; falta a carne, como disse, no verão, e os pobres, que não podem fazer provimento de carne sêca, padecem mizerias. A mesma farinha não é de abundancia em todas as villas.

O terreno propriamente conhecido com o nome de Ceará, que comprehende desde o lugar do Cascavel, termo da villa do Aquiraz, até a villa de Soure, a serra da Meruoca no termo do Sobral, as vizinhanças da villa do Crato têm abundancia de farinha; nas mais villas é escassa e suprem-se das immediações, mal e cara. Os terrenos da villa da Fortaleza, Aracati, Icó, Monte-mor, e serra de Uruburetama, que é dividida para o termo da villa da Fortaleza e Sobral produzem algodão, mas as safras não correspondem ao trabalho e extensão de cada plantação; a prova é, que se não encontram lavradores, que possuam vinte mil cruzados em bens seos, havendo apenas um no termo de Arronxes, chamado Albano da Costa dos Anjos.

Ha lavouras de cana no termo da villa do Crato, mas muito pouco ussucar; surtem-se os povos de Pernambuco, e as canas do paiz são desmanxadas, em pequenas engenhocas, em rapaduras, que com farinha servem ao sustento do povo, que o prefere com gosto a outro alimento.

A pluralidade dos habitantes da-se á criação dos gados, e em taes fazendas não ha plantações, não só porque seriam necessarias grandes cercas para as de-

fender dos gados, mas tambem porque a aridez do terreno mal as admite, á excepção das serras, que já indiquei, e de alguns lugares pantanosos, tudo mais é inculto.

Esta falta é geral e só pelas margens do Jaguaribe até ao Icó ha algumas plantações de melancias, melões e aboboras, nos lugares que o rio alaga e deixa nateiros chamados vazantes.

Exagera-se estas plantações como grande fertilidade e abundancia do paiz; é apenas fraco remedio á pobreza, e serve para entreter ociosos, que não buscam trabalho regular, satisfeitos com o fraco alimento, que dahi lhes provém quatro mezes cada anno, não havendo sêca.

O gado é a maior parte armentario, algum cavallar, cabrum e lanar e pouco cerdozo; pelo que as villas mais populozas surtem-se de toucinho da villa de Santos, vindo de Pernambuco.

Não se encontra na capitania uma fazenda, que produza annualmente 1.000 bezerros: as maiores, e muito raras, são de 400 e as ha até de 30.

Servem taes predios de valhacouto a vadios, que a titulo de criação de gados vivem sendo damninhos, e ladrões nas fazendas vizinhas.

O unico ramo de industria é o curtimento de sóla e pelicas, que se trabalha em todos os sertões; servem-se dos couros das rezes que matam, e dos couros que vão comprar ás terras do Piauí; o curtimento porém é grosseiramente feito pelos poços dos riachos. Esta mesma marcha é frequentemente interrompida pelas continuas sêcas, que flagellam este paiz; os annos escassos de chuvas, além de muitas cauzas moraes, têm precipitado este paiz na ultima miseria.

A nova face, que a população e a cultura têm dado ao terreno; o mal entendido sistema em agricultura de derrubar todas as matas para semearem novos terrenos, aonde ha lavouras; o abuzo de lançar por terra as arvores só para colher os favos de mel, que as abelhas n'ellas fabricam, tem dissipado muitos principios de humidade

e acarretado uma quazi não interrompida serie de annos sêcos.

Desde 1808 que passei á capitania de Pernambuco, tem havido nos paizes, que demoram entre o rio de São-Francisco e o da Parnahiba, sempre mais intensa n'esta capitania do Ceará e Parahiba, uma sêca em 1809 e 1810, outra em 1814. Muitas fazendas ficaram inteiramente dezertas de gados, principalmente nas villas de São João do Principe, Icó e Campo-maior de Quixeramobim. Este anno ha outra mais ou menos rigorosa em uma ou outra villa. Em algumas já não existe gado, porque a gente se tem retirado para outros lugares, e o gado para as serras e sitios paludozos. Em tal extremo os habitantes do sertão morrem á mingoa por falta total de mantimentos, e até dos meios de os ir. buscar aos portos de mar, donde sempre os ha, vindos de Pernambuco; faltam animaes de transporte, e em taes apertos tem se visto sustentar os povos de couros sêcos, que ficavam de outros annos; na falta de farinha ralam quantas raizes encontrãam, e a maior parte venenozas, e algumas que os levam á morte em breves dias.

Na espantosa sêca de 1790 e 1791 e 1792, vio-se trocar um meio de sóla por uma bolaxa.

E' espectaculo lastimozo em taes annos encontrar pelas estradas a poucos passos corpos mortos de pessoas, que do interior fogem para a beira mar; retirada em que perecem em caminho exhaustos de forças, pela falta de mantimentos.

Ha na capitania produções mineralogicas. O ouro encontra-se nos riachõs, que fazem as cabeceiras na Serra-Grande desde a Timonha até a serra de Araripe, que passa junto do Crato e da villa de Santo Antonio do Jardim, chamado este recinto Cariris-novos; nas vertentes do rio Salgado, desde o monte chamado Dourado até ao lugar que se diz Boqueirão, 12 leguas distante, conhecido pelo nome de Lavras da Mangabeira, aonde se encontram algumas excavações e desmontes, que demonstram trabalhos de mineiros, aparecem por baixo do cascalho algumas

particulas de ouro em pó, em folhetas ou em granitos, junto com o esmeril preto.

Consta-me, que no tempo das aguas alguns moradores miseraveis faiscam algum ouro, mas em tão pouca quantidade que de todo custa a ajuntar-se alguma oitava, segundo me informam. Encontra-se em Villa-Nova de El-Rei, no riacho do Juré; no Curumatam tambem se encontra em folhetas, e d'este vi obra de meia oitava, mui desmaiado e impuro, e mais difficultosamente se encontra. Quero persuadir-me, que este metal é aqui accidentalmente trazido de envolta com as terras das serras superiores pelas alluviões, na formação de terceira ordem de montanhas de transição, e parece que as matrizes devem existir na concatenação das cordilheiras da Serra-Grande, que divide a capitania.

A ignorancia fez persuadir, em outro tempo, que havia minas de prata em o lugar Ubajára na Serra-Grande, do lado do E., ao S. do Acarape. Deo este boato motivo a que em 1750 se remetessem da corte mineiros debaixo da inspecção de um intendente; zero foi o resultado, e ainda hoje o povo tenáz propaga a existencia d'este metal. O mais que se encontra são alguns veios de sulfato de cobre em branco de uma pedra rija de côr cinzenta, mais ou menos escura. Desde a Biapina até Villa-Nova de El-Rei se encontram estas camadas, com os vestigios do mesmo sulfato, correndo na direcção do O., e me informam, que até a villa de Campo-maior, da capitania de Oeiras. Ahi dizem-me, que apparece o metal branco, de que os habitantes fazem alguns estribos; vi o metal, é rijo, mui compacto e ductil. O ferro é mais vulgar, de melhor ou peor qualidade. O das lavras da Mangabeira, nas margens do rio Salgado, no sitio do Boqueirão, é excellente. Encontra-se tambem na villa do Campo-maior de Quixeramobim, nas immedições do rio Xoró, termo Aquiraz, na serra de Baturité, termo da villa de Montemor o Novo, pelas serras do Acaracú e Cruaiú. O do Boqueirão é o mais valiozo pela abundancia e pureza local, e circumstancias de ser aproveitado.

E' oxidado, puro e acha-se em peças avulsas de dife-

rentes grandezas (plombagine, grafites, e ferro carburado), encontra-se em pequenos pedaços, pelo rio do Cruaiú e Acaracú fragmentos, que se destacam das montanhas vizinhas.

Dizem-me, que em uma das descidas da Serra-Grande, chamada a ladeira da Mina, se encontra, mas não tive ainda ocasião de examinar. Nas montanhas secundarias e de transição se encontram muitas veias de cristaes montanos, rupestres, de diversas grandezas, formando veeiros em betas de tauá [argila]; outras vezes em bancos de *hornblend* e de granito, constitutivos da organização de montanha, entrelaçados ás vezes com veios metalicos de sulfato de ferro e de cobre, productos de pouca monta.

Os cristaes, porém, que se encontram em uma das montanhas do Tauá, meia legua ao S. O. da villa de São-João do Principe, são de consideração. Encontram-se em grandes e pequenas massas, aggregadas ou destacadas, coradas pelo oxido de ferro em diferentes graos de oxidação; o que faz com que sejam amarelos, vermelhos ou rôxos; verdadeiras ametistas. São dignos de estimação pela sua muita rizeza, igualdade de côr, mas raras em pureza; aparecem aggregações curiozas, e algumas de enorme grandeza têm sido distraidas pelos habitantes para as separarem por meio do fogo.

Encontram-se petrificações nas Serras do Cariri, do lado do N. e do lado da villa de Santo-Antonio do Jardim; são mui vulgares os vasos petrificados de peixes, de anfibios em pedras destacadas de natureza calcarea, que contem no interior o animal petrificado, com a perfeita configuração de todas as suas partes, e substancia musculosa interna, convertidas em cristaes de espato romboidal. Acham-se despensas pela superficie do terreno, e debaixo da terra a pouca profundidade. O uzo de fazerem com ellas cal, as vae extinguindo.

Encontram-se saes, como nitreiras no Tiju-suoca, margens do Curú; na Tatajuba, termo de Campo-maior; na Biapina, no distrito de Pindobas; no Crato, aonde fazem polvora pelas serras em taxos, de maneira que d'ella

se surtem. No termo de São-João do Principe, no lugar Cajueiro, se encontra uma mina de pedra-hume (alumen) e simultaneamente nitrato nativo; os habitantes se servem para curtimento de pelicas e grosseiras camurças. A falta de aguas porém faz inuteis a maior parte d'estes productos, e as suas localidades, principalmente as que estão no interior dos sertões, não sendo admissiveis os trabalhos em grande.

E' conclusão, que esta capitania está sempre nascente, que a população não póde fazer progressos vantajozos, pelas emigrações continuas, occurrencia de sêcas, padecimento de molestias dahi provindas; o que tudo definha a especie, que devia augmentar-se rapidamente, em relação da fecundidade e da propagação, que se antecipa aos doze annos nas mulheres, e o beneficio da salubridade do ar na maior parte das villas. Devem entrar em linha de conta a preguiça, o prejuizo de não servir homem forro, ainda que seja preto, a facilidade de se manter de furto de gados, a frequencia dos crimes de morte, que perde logo dois homens o morto e o agressor, que ordinariamente escapa não só pela fugida e dificuldade de se apanhar nos longos matos, mas pela indiferença com que os habitantes olham para o crime de morte e a prontidão com que acoitam e dão passagem aos criminozos.

Discripção em particular das villas

ARACATI

Fica a E. da villa da Fortaleza, situada á margem do rio Jaguaribe, aonde já entra o mar em uma espaçosa vargem, 3 leguas distante da costa. E' a mais opulenta da capitania, de mais população dentro da villa, e aonde se acham cazas de sobrado; o que é devido a ser o ponto de embarque das produções dos algodões e sólas do seo termo, da villa das Russas ou de São-Bernardo, Campomaior, Icó e de todo o Jaguaribe, e da villa de Montemór o Novo, em parte. Consequentemente é o porto de

desembarque dos generos, que de Pernambuco vem para este lado da capitania.

O porto é mui mesquinho, por bancos de areia move-dição; entram n'elle sumacas, e só nas conjunções das luas; a sahida é mais difficultoza, por ser necessario combinar precisamente certos dias depois dos dois periodos da lua com o terral a uma determinada hora, circumstancias que as vezes faltam, e fazem a demora de um, dois e tres mezes, depois dos barcos carregados. Augmentou-se esta villa rapidamente em relação ás outras, mas acabou-se o motivo.

A villa do Icó, Campo-maior, e São-João do Principe surtiam-se do Aracati, hoje os negociantes do Icó surtem-se de Pernambuco, e fazem com o Crato e São-João do Principe o que dantes fazia o Aracati.

Tem uma só freguezia, que é mais extensa do que o termo. Contém 6.033 habitantes. O termo pelo N. tem 3 leguas, confina com o mar; pelo S. tem 4, confina com o da villa de São-Bernardo, para E. tem 20 leguas, e confina com o rio Mossoró, e para O. não tem terreno, porque a diviza é o rio. Tem uma caza da camara e cadeia, a melhor da capitania. O patrimonio da camara anda por 500\$000 annuaes; são taes as dependencias forenses que não dão para sustentar um advogado. Ha dois rabulas, que mal alinhavam um requerimento; é um alfaiate; outro tem uma pequena venda. Tem um mestre de primeiras lettras a quem se não paga, e o não tem de grammatica pela mesma razão.

Tem para o S. uma pequena povoação chamada Giqui com uma insignificante capella, outra chamada Catinga do Goes, do mesmo lote.

Tem para E. algumas situações de pouca monta, como Retiro e Caiçara; e assim continúa até a barra do Mossoró muito pouco habitada, por serem areias safias e muito aridas por falta de agua. A estrada geral é a de E. para o Rio-Grande, Parahiba e Pernambuco: além do rio tem a que vae ao O. para a villa do Aquiraz, villa da Fortaleza, Monte-mór e outras villas; para o S. tem a estrada geral de Jaguaribe. Dista do Aquiraz 23 leguas,

30 da Fortaleza, 58 do Icó, do Rio-Grande 70, da Parahiba 124, de Pernambuco 150. Para O. 90 ao Sobral, 118 a Granja e 205 ao Maranhão.

AQUIRAZ

Esta villa é a mais antiga, com o nome de São-Jozé de Ribamar do Aquiraz, é a cabeça da comarca. A agricultura é mandioca, milho e algum feijão, que se consome na villa da Fortaleza e na do Acarati; produz algodão, mas em pouca quantidade.

Está inteiramente arruinada e sem commercio; as cazas da villa e do lugar do Aquiraz produzem de decima vinte e tantos mil réis. Não tem caza de camara nem cadeia: começou-se uma, que existe nas primeiras paredes, ha muitos annos e por falta de rendimentos da camara não tem continuado por não ter patrimonio. Ha pelo termo 28 engenhocas de fazer rapaduras, mas é necessario advertir, que taes fabricas nada são; algumas nem um escravo tem; um taxo, dois tambores ao tempo, ou de baixo de uma palhoça é todo o trem. O termo tem 28 leguas de N. ao S., e de largo tem em umas partes 10, em outras 16 até 23. Contem uma só freguezia com... 10,511 habitantes, inciundo na freguezia uma aldeia de Indios, denominada Monte-mór o Velho, e o lugar do Cascavel, 7 leguas do Aquiraz. Confina pelo N. com o mar, pelo S. com o Monte-mór o Novo e Campo-maior. do lado de E. com o Aracati e São-Bernardo, e pelo O. com a Mecejana e Fortaleza.

As principaes estradas são as que conduzem á villa da Fortaleza 7 leguas distante, á do Aracati, 23 que sem atravessar o rio conduz para as vargens do mesmo Jaguaribe; e outras de comunicação para Campo-maior, subindo pelo Xoró e Pirangi.

Seria util mudar a cabeça da comarca para a villa da Fortaleza, capital da capitania, e a cabeça do termo para o lugar do Cascavel, que é hoje mais habitado e promete augmentos.

MECEJANA

Esta villa é de Indios, fica 3 leguas a E. da Fortaleza; tem 1 legua em quadro de termo, e 6 destinadas para plantações dos Indios. Tem 1.889 habitantes, e entre elles alguns brancos. Ha uma caza de camara e cadeia, alguma plantação, e os Indios se empregam pela maior parte em servir os habitantes da villa da Fortaleza. Os negocios forenses são taes, que o escrivão serve quazi por favor, não tira provizão do governo, porque os emolumentos não lhe dão para pagar, e serve com o provimento do ouvidor.

Tem a villa 59 cazas, 17 por acabar sem portas, 15 arruinadas, 7 de homens brancos e 17 em estado de habitação, todas insignificantes. Tem freguezia privativa. Parece que seria melhor extinguir a denominação de villa e unir a povoação á villa da Fortaleza.

FORTALÉZA

Esta villa é a capital da capitania; assento do governo, com um batalhão de tropas regulares, um juiz de fóra que é auditor da tropa e juiz da alfandega. Ha uma caza de camara arruinada: não tem cadeia, e servem-se as autoridades civis de uma cadeia militar; o que dá motivo a uma infinidade de contradições e etiquetas, que se não podem emendar, em muito detrimento da expedição das dependencias criminaes.

A villa é pobre, seo commercio de pouco vulto, ainda que o porto é soffrivel; apezar de ser uma enseada, mas como só as immediações do termo até a serra da Uruburetama, parte do termo do Aquiraz, e parte do termo da villa de Monte-mór o Novo se surtem da Fortaleza, o commercio é muito menor do que o do Aracati. Não ha uma só caza de sobrado, e as terreas são muito inferiores. O sólo é de areia solta, o tijolo, cal e madeiras são caros, e tudo concorre para ser mui despendiosa a edificação.

O termo tem na maior extensão quazi 40 leguas ao

poente da Uruburetama. Esta serra é interessante pela lavoura de algodões, que tem chamado para ali muitos traficantes, e augmentado a população, que se divide em duas povoações, Santa-Cruz, do termo da Fortaleza, e São Jozé, de Sobral. Assim como me parece que seria util extinguir as tres villas de Indios, Mecejana, Arronxes, e Soure, encravadas no termo da villa da Fortaleza, e a ella tão proximas, acho, que proveitozo seria crear uma villa n'esta serra, dando-lhe as duas povoações, com parte da villa de Fortaleza e do Sobral, porque no inverno fica n'comunicavel com a Fortaleza, e tem muita população, e da melhor das vizinhanças. Tem tambem a serra de Maranguape, 5 leguas da Fortaleza, que produz legumes e algodão. Contém uma só freguezia, com 12.000 habitantes.

Tem 5 lugares, Maranguape, de que falei, São-Franciscó das Chagas, na ribeira do Canindé, 30 leguas para o S. da villa, com uma boa igreja, talvez a melhor da capitania; Santa-Cruz, na serra da Uruburetama, 32 leguas para o poente com capella; Trahirí, lugarejo com capella, e Siupé, lugarejo com capella.

Confina pelo N. com o mar, pelo S. com o Sobral e Campo-maior, nas cabeceiras do rio Gruahíras, a E. com Mecejana e Aquiraz, e a O. com o Sobral.

A estrada geral é para Pernambuco pela beira mar, a do poente vae a Soure, segue pelas fraldas da Uruburetama, para o Sobral, Granja e Parnahiba, e vae ao Maranhão, e d'estas duas se toma para as parciaes da capitania. Ha uma, que ha pouco se aperfeiçãoou para o interior, e vae a Monte-mór e Campo-maior.

Dista esta villa legua e meia de Arronxes, 3 de Mecejana, 7 do Aquiraz, 30 do Aracati, 100 do Rio-Grande, 154 da Parahiba e 180 de Pernambuco. Para o poente 3 de Soure, 60 do Sobral, 86 da Granja e 175 do Maranhão. Para a Villa-Viçozza 86, Villa-Nova de El-Rei 74. A Monte-mór o Novo 25, a Campo-Maior 55, á villa de São-Bernardo 40, ao Icó 80, ao Crato 106, á villa de Santo-Antonio do Jardim 110 e á villa de São-João do Principe 95.

ARRONXES

Esta villa está situada legua e meia ao S. da Fortaleza; tem 1 legua em quadro, é habitada por Indios, que tem a faculdade de plantarem na serra de Maranguape, 5 leguas distante. Compõe-se de 1.080 indios e 693 extra-naturaes, o que faz o total de 1.773 habitantes. Tem caza de camara e cadeia, sem patrimonio; o escrivão corre a sorte do de Mecejana. porque o fôro é igual. Tem freguezia privativa.

A villa está arruinada, tem 25 cazas, 13 de Indios, e 12 de extra-naturaes, e só 13 cazas estão em estado de habitação, posto que em todas hajam moradores. Seria melhor unil-a á villa da Fortaleza.

SOURE

A O. da villa da Fortaleza, 3 leguas, demora esta villa, com uma legua em quadro, e 1.050 moradores. Ha caza da camara e cadeia, e nenhum patrimonio. Tem freguezia privativa. Contém 73 cazas, 44 sem portas nem janellas, arruinadas, e 3 por acabar.

O escrivão e o fôro estão nas mesmas circunstancias das duas antecedentes, e a villa seria melhor extinguil-a. Ha na villa muita falta de agua.

SOBRAL

Esta villa fica 60 leguas ao poente da villa da Fortaleza. Tem uma caza de camara e uma cadeia por acabar. O conselho tem de renda annualmente 400\$000. Tem 51 leguas que fazem o seu comprimento. Confina pelo S. com a Tajatuba, no termo de Campo-maior, cabeceira do riixo Gruahiras, e pelo N. com o mar, aonde faz barra o rio Acaracú. Sua largura é de 38 leguas, começando a E. no rio Mundaú, termo da villa da Fortaleza, ao poente no sitio Gavião, termo da Granja, na serra do Gavião.

Encerra trez freguezias, a de São-Bento da Amon-

tada, a do Sobral e a de Almofala, que é de Indios. Contém o termo 17.000 habitantes. Ha o lugar de Santa-Quiteria, 20 leguas do Sobral, com uma boa igreja, tem o lugarejo da serra da Meruóca com uma capella, o da Lapa com capella, o da Barra do Acaracú com capella, a povoação de Almofala, e a de São-Jozé na serra da Uruburetama, de que já falei. Nas duas serras de Meruóca e Uruburetama ha muitas engenhocas de rapaduras: montam a 88, mas tão insignificantes que as maiores fazem até 3.000 rapaduras de libra e libra e meia.

O commercio de exportação reduz-se a 70.000 meios de sóla, que annualmente se navegam para Pernambuco; o mais é gado. Não produz algodão; aonde se colhe que a villa não é da importancia, que se lhe pretende dar; o que confirma o produto annualmente da decima, que monta a 130\$000. Ha na villa uma unica caza de sobrado.

O termo é pobre e mal povoado, e por isso os traficantes são de pequenos fundos, sendo suficientes trez viagens de uma sumaca cada anno para fazer o commercio d'esta villa, de Villa-Viçozza e Villa-Nova de El-Rei.

Tem a estrada, que vae para a Fortaleza, larga e plana, ao N. da serra da Uruburetama, e outra que vae pela mesma serra. Tem uma no interior para Campo-maior, e segue para Pernambuco, é muito incommoda, por máos caminhos e deshabitada; ha falta de pastos, e de aguas quazi insuportaveis, por salinas. Tem a da Granja, e continuação do Maranhão. A que vae para a capitania do Piauí segue por Santa-Quiteria ou por Villa-Viçozza, segundo o ponto em que se quer entrar.

Distta 60 leguas da villa da Fortaleza, 60 de Campo-maior, 26 da Granja por bom caminho, e 22 pela serra da Meruóca, e 28 a Villa-Viçozza, e 16 a Villa-Nova de El-Rei.

GRANJA

A 86 leguas ao O. da Fortaleza e 26 da do Sobral fica esta villa, situada uma legua distante do mar; tem um porto que faz a fóz do rio Camucim. Tem uma

freguezia, e não tem lugares; tanto a villa como o termo é pouco povoado. Tem trez capellas, no Pará, no Ibuassú e no Olho d'agoa, em sitios pouco habitados. Não tem caza de camara, nem cadeia, nem o conselho patrimonio, nem objectos de que se faça.

O commercio é muito pequeno; o de exportação é sóla, que anda, como o de Sobral, por 60.000 meios; duas viagens annuaes de uma sumaca faz a condução. Contém todo o termo 3.910 habitantes. Tem de extensão 30 leguas, começando pelo N. na barra do Camucim, até as fraldas da serra da Biapina ao S., e de largura 45, desde as extremas do Sobral no Gavião a E. até a barra do Iguassú, onde confina com o termo da Parnahiba, comarca e capitania do Piauí.

As estradas principaes são, a do Sobral, que continúa para a Fortaleza; outra para a Parnahiba, 30 leguas distante, e continúa para o Maranhão, além das que se dirigem para a Villa-Viçosa, Villa-Nova de El-Rei, e dahi para Piauí.

VILLA-VIÇOSA REAL

A 16 leguas do S. O. da villa da Granja, sobre a serra da Ibiapaba, fica a Villa-Viçosa, habitada por Indios e alguns extra-naturaes. Não tem caza de camara, nem cadeia, nem patrimonio o conselho, e nem se póde imaginar principios de que provenha, porque não tem commercio algum. Os homens plantam mandioca e legumes para se manterem, e nunca passaram avante, porque não ha pontos de consumo. A Granja tem poucos habitantes; Sobral provê-se da serra da Meruóca. O terreno da villa é muito producente, ameno e temperado, goza excellentes aguas, ainda que não tem riachos.

A villa tem 148 cazas, das quaes 123 são cobertas da palha; a maior parte estão arruinadas, contém 9.170 habitantes, divididos em duas direcções; uma está na villa e outra no lugar de São-Pedro de Biapina, 12 leguas distante. Formam ambos os lugares uma freguezia, bem paramentada, por ter sido ahi um hospicio dos jezuitas.

Contém o termo 24 leguas de latitude desde a ladeira do Uruóca ao N., termo da Granja, até ao riacho Imassú a S., termo de Villa-Nova; de longitude tem 6 leguas, mais ou menos, segundo a configuração da serra, confinando do lado de O., segundo a discrição das agoas, com o termo da villa do Campo-maior, da capitania do Piauí.

Tem a serra quatro descidas e estradas principaes. Ao N. tem a do Tubarão, a mais praticavel, uma legua distante da villa; a da Uruóca 6 leguas distante; ambas estas ladeiras são estradas para a Granja; a do Acarape, que vae para o Sobral, 4 leguas distante da villa, e a do Taipú, junto a São-Pedro de Biapina, que dá estrada para a Granja e Sobral. Os negocios forenses n'esta villa, e o escrivão, pouca differença tem das outras villas de Indios.

Distancia do Sobral 26 leguas, da Granja 16, da Villa-Nova de El-Rei 24, da Fortaleza 86.

VILLA-NOVA DE EL-REI

Esta villa ao S. O. da Fortaleza está situada no plano da Serra-Grande, 25 leguas para dentro ao S. da villa da Granja. É pobrissima, e ainda que o termo é extenso, é muito despovoado. Não tem caza de camara nem cadeia, e nem o conselho patrimonio; e nem de que se possa fazer. Contém 48 cazas de taipa, e arruinadas; a maior parte, sem se terem acabado; as paredes são de barro, sem emboço de cal, e por fóra caiadas com uma dissolução de tabatinga (argila). Não ha cal na serra, nem barro, nem telha; e como as subidas da serra são muito difficultozas, é muito cara uma e outra couza, o que, unido á pobreza dos habitantes, difficulta a edificação.

Não tem artigo algum de commercio, a excepção de muito pouca sóla que se leva para o Sobral. Milho e mandioca são as produções do paiz; valem pouco por não ter ponto de consumo; assim mesmo nos sertões é mais cara a fazenda do que devia ser, e a cauza é porque só se planta na serra, e por poucas possibilidades cada um

planta para se alimentar; e os dos sertões padecem. N'elles se occupa os homens em criar gados; as sêcas os tem acabado, e o que ha pouco valor tem, pela distancia a Pernambuco, aonde vão encontrar mercado.

A villa está quazi sempre deshabitada, principalmente no inverno, que os moradores descem para o sertão, aonde tem suas cazas e familias, e vem á serra no verão plantar e colher. Não é possivel obrigar os juizes territoriaes a habitar na villa, aonde ha poucos negocios, unico motivo que leva alguém á villa, a não ser dependencia com o paroco.

Ha uma freguezia, que é São-Gonçalo, na serra dos Côcos, 16 leguas distante da villa; porém o paroco habita n'esta, aonde ha uma igreja começada, muito indecente, e parte coberta de palha.

A população do termo é de 6.736 almas. Tem de extensão 47 leguas, começando do N. no riacho do Imussú, 4 leguas distante da villa, aonde divide o termo com Villa-Viçosa, acaba ao S. na fazenda Espirito-Santo, termo da villa de Santo-Antonio de Campo-maior de Quixeramobim. Tem de longitude 47 leguas a E. desde a fazenda da Jacoca, que a divide do Sobral, e ao O. na Capivara, que divide com o termo de Campo-maior da comarca do Piauí.

Tem a villa e termo a estrada, que vae para o Sobral, pela ladeira da Caponga; outra para a Granja, para a villa de São-João do principe, Cratiús e Piauí, chamada a ladeira da Mina; outra para a villa da Parnahiba, outra para Marvão, capitania de Piauí; outra para o Campo-maior, da mesma capitania, e ultimamente a estrada de Villa-Viçosa. São as ladeiras muito ingremes, e algumas cheias dos mais terriveis precipicios.

Dista do Sobral 14 leguas, de Villa-Viçosa 24, 70 de Campo-maior de Quixeramobim, 60 de São-João do Principe, e da Fortaleza 74.

VILLA DO CAMPO-MAIOR

De Santo-Antonio de Quixeramobim, 55 leguas ao S. da Fortaleza está situada esta villa á margem do rio, que

lhe deo o nome de Quixeramobim na lingua brazilica. Não tem caza de camara nem cadeia, e nem patrimonio para se fazer. Não tem objecto de commercio sinão alguma sóla; e mui pouca agricultura ha no termo, porque as serras são muito sêcas. A criação dos gados é o trafico geral, e n'esta villa é aonde elles se nutrem melhor, e são mais saborozos, e dahi veio o nome de Quixeramobim á ribeira, que quer dizer vaca gorda.

As sêcas continuas tem assolado este paiz; e a d'este anno é tão extrema que, a não chover em Dezembro, acabarâ a raça do gado, e será preciso conduzil-o de outra parte para começar a povoar as fazendas; o que não é novo n'esta capitania.

O termo tem de latitude 40 leguas, e de longitude 36. A villa é de pouca monta. Contem villa e termo uma freguezia e quatro capellas filiaes, quazi sempre sem capellães por poucos moradores. Tem 5.600 almas.

A estrada para Pernambuco é a geral, que vem do Ssbral, e vae pelo Rio-Grande e Parahiba; tem as outras de communicacão para todas as villas da comarca. Dista da villa do Icó 40 leguas, 38 a São-João do Principe. do Aracati 50, 30 a Monte-mór, mas a estrada do Icó é mais extensa do que a estimativa que lhe dão.

VILLA DE SÃO-JOÃO DO PRINCIPE

A 95 leguas ao S. da Fortaleza está a villa de São-João do Principe, e em terreno tão alto que quazi se não pode perceber a elevação da Serra-Grande, sendo que na proximidade d'esta villa é que ella faz a diviza para a capitania do Piauhi, pela corrente das aguas chamado o lugar da Balança.

De 55 cazas de telha van, muito baixas e arruinadas, se compõe a villa. Não tem caza de camara, nem cadeia, falta patrimonio ao conselho, e não ha meios de o fazer. O commercio é gados e os sertões criam excellentemente, e é este o que tem mais cavalari. Estão muito atrazados pelas sêcas; a do anno passado foi até

fatal, parcial felizmente, porém este anno na calamidade geral é aonde chuveu mais.

Motivos particulares crearam esta villa em 1802 sem faculdade de Vossa Magestade. Os mesmos motivos fizeram que ella fosse erecta n'este lugar chamado Tauá, no extremo do termo, habitação de Jozé Alves Feitoza, em quem recabio o posto de capitão-mór da villa.

Esta escolha tem sido talvez mais funesta aos povos de que as sêcas; tudo ali se move a seu arbitrio, e bastará dizer-se que tendo a villa tido 8 escrivães desde a sua criação, todos têm sahido fugindo, uns pelos crimes que elle lhes imputa, outros pôr evadirem-se ás pancadas que lhes estão eminentes, prizões arbitrarías e crimes falsamente arguidos por testemunhas de sua facção, tem sido as suas armas manejadas a caprijo da sua vontade, alem dos mandatos de crimes tão ordinarios n'estes paizes.

Confina o termo pelo N. com Campo-maior, 10 leguas e meia na insignificante povoação chamada Maria Pereira, pelo S. com a capitania do Piauí, 5 leguas distante, a leste com o terreno do Crato na Vargem da Vaca, donde se segue a estrada para o rio de São Francisco, na comarca do sertão de Pernambuco e Bahia, pelo O. com o termo de Villa-Nova de El-Rei.

Tem 7.082 habitantes, em duas freguezias, de Arneirós, e a de São-Mateus, ambas longe da villa. Tem 5 situações impropriamente ditas povoações.

Arneirós a beira do Jaguaribe, com matriz e 23 cazas, 14 leguas distante da villa. A Cruz tem 16 cazas e uma capella, 19 leguas da villa, á margem do rio; Flores 5 leguas, com capella e 6 cazas; Maria-Pereira á margem da ribeira do Banabuiú com 6 cazas e uma capella.

Arneirós devia ser o assento da villa; está a beira do rio, tem matriz, é mais no centro do termo, e passa por ella a estrada geral, que vae para o Icó e Aracati, e que continúa do Icó para Pernambuco: tem a que vae para Piauí, e ali passa.

Dista esta villa da Fortaleza 95 leguas, e 60 de Villa Nova de El-Rei.

VILLA DO CRATO

Esta villa a S. E. da Fortaleza é a mais produtiva por estar situada nas fraldas da Serra-Grande, ahi denominada Araripe, aonde ha muitas vertentes, mais ou menos abundantes. Já indiquei o pouco consumo dos generos pelas distancias.

Nos annos sêcos seria muito socorro aos outros povos, em quanto algum escasso pasto deixasse lugar de se transitar, mas a incerteza do anno faz que se plante o necessario, e quando se conhece a necessidade é tarde; por este motivo tendo acodido este anno os povos d'esta capitania e da Parahiba a fornecerem-se de farinha, ella está a 12 patacas o alqueire, e já custa a achal-a.

Tem muitas engenhocas de rapaduras pela encosta e pé da serra, e no plano á margem das nascentes, principalmente a Batateira, que é mais caudal. Apezar de serem os quintaes da villa regados por duas levadas d'agua, ha muito pouca hortaliça e arvores de fruto, por desmazelo dos moradores. São continuas as questões d'agua, porque cada morador acha necessario para si uma nascente; o que me tem dado um trabalho insano de quinze dias para estabelecer com a camara registos proporcionaveis; o que lhes parece impraticavel. Este abuzo faz com que moradores de 3 leguas distante da villa não tenham agua para beber, nem os seos gados, em um anno de sêca.

Contém o termo uma freguezia e parte da de São-Mateus. Ha n'esta 11.740 habitantes, entrando os da villa de Santo-Antonio do Jardim com duas freguezias, de que ainda não ha rezenha, por ser a divizão feita este anno. A matriz tem uma capella filial no Brejo-Grande, 8 leguas a O. da villa.

Não tem caza de camara; tem uma cadeia principiada. A camara tem de renda annual 400\$000. A divizão do termo com a villa do Jardim foi mal projetada, pelo informante, pela freguezia, porque segue-se que legua e meia, duas e trez distantes do Crato, pelo quadrante do S. e de E. é já termo da villa nova do Jardim.

Extrema pelo S. com a serra, mas não se sabe aonde, porque na criação se espaçou até a assentada da serra; como porém ella é inteiramente deshabitada por sêca, e só nas circunvizinhanças da villa andam gados, que descem a beber nas fraldas, não se tem assignalado o lugar da divizão, e contam o termo até ao fundo da serra, uma legua da villa; continúa porém a explanada da serra por 8 leguas de uma estrada que tem no fim de uma ladeira do Inxú, lugarejo, termo da villa de Pajaú, comarca do sertão de Pernambuco.

Confina tambem ahi com catingas da capitania do Piauí; pelo N. extrema na Fazenda-nova, 4 leguas da villa, com o termo da villa de Santo-Antonio do Jardim. De E. a legua e meia, 2 e 3 com a mesma villa, e do O. na fazenda chamada a Extrema, do termo da villa de São-João do Principe, 24 leguas distante.

São as principaes estradas, a que desce pelo rio Salgado até ao Icó, e continua pelas vargens de Jaguaribe, rumo do N.; pelo S. tem a estrada que transpondo a serra vae para o rio de São-Francisco, sertões de Pernambuco e Bahia, e outra para Piauí. Para E. tem a que se dirige á capitania da Parahiba e Pernambuco, e para O. a de São-João do Principe, Sobral, Parnahiba e Maranhão, e outros lugares.

Dista da Fortaleza 106 leguas, do Icó 26, 54 de São-João do Principe, 60 pela estrada da ribeira do Cariú.

SANTO-ANTONIO DO JARDIM

Esta villa ao S. E. da Fortaleza foi erecta este anno; está incluída em um vale da Serra-Grande. Tem duas vertentes principaes, e n'ellas collocadas muitas engenhocas de rapaduras; produz bem os frutos do paiz, mas não algodão pelos muitos nevoeiros.

Não tem por ora caza de camara e as mais oficinas de conselho, e este terá de patrimonie 350\$000 de renda, que é admissivel de augmento. Os generos são rapadura e gados, e tem um engenho que faz annualmente 100.000 rapaduras.

Contém o termo duas freguezias, a da Missão-velha e a da villa. Aquella é uma povoação antiga, missão dos jezuitas, tem capellas filiaes: Missão nova, mal alinhada; Barbalha, lugarejo; Milagres, lugarejo com uma boa capella. A freguezia é muito pequena, porque o projecto da divizão foi mal calculado, tem um nixo a onde se diz missa, com um capellão nas Porteiras de fóra, 12 leguas da villa.

Têm o termo de latitude 25 leguas e de longitude 31. Confina pelo N. com a fazenda da Caiçara, termo do Icó, 18 leguas distante, e pelo S. com o sitio chamado Queimadas de El-Rei, onde divide a comarca do sertão de Pernambuco, de E. com a fazenda dos Pilões, da comarca da Parahiba, 22 leguas distante da villa, e pelo O. com o engenho do Mello, 9 leguas e meia, termo do Crato.

Tem a estrada para o sertão de Pernambuco, rio São-Francisco e dahi para a Bahia, a do Piauí, a que vem para o Crato e outra que vae para o Icó. Não vão a ella carros pela dificuldade de poderem passsar a serra que a circunda, e só deixa franco o lado do E.

ICÓ

A' margem do rio Salgado ao S. E. da Fortaleza, 3 leguas acima da união do Salgado com o Jaguaribe, está a villa do Icó, no fim de uma vargem situada entre cordilheiras, que se vão elevando e alargando de N. para N. E. até além da villa de São-Bernardo.

Este termo é o mais povoado e civilizado da comarca e a villa de muito commercio, em proporção das mais villas, como indiquei, pela produção dos gados nas duas margens do Jaguaribe, bem que as sêcas têm tornado desertas muitas fazendas pela plantação do algodão, compradores de sóla, qae ahi vão dar dos tərmos vizinhos; e mais seria o seo commercio, si as serras não fossem tão faltas de nascentes; o que obriga os habitantes a carregarem agua para beebem de uma legua e mais.

Contém o termo 15.887 almas, em 3 freguezias e parte de duas.

A freguezia da villa; a de São-Vicente das Lavras da Mangabeira com uma povoação 10 leguas distante da villa; a do Riixo do sangue com uma povoação chamada o Frade; o lugarejo de São-Mateus, parte da freguezia d'este nome e do termo, o lugarejo de Umari com uma capella filial das Lavras e uma pequena parte da freguezia dos Páos dos Ferros, termo da Villa-Nova da Princeza, capitania do Rio-Grande.

Tem o termo de latitude 40 leguas até a barra do riixo Junqueiro; do lado do N. diviza com a villa de São-Bernardo, e até a Caiçara ao S., aonde faz a diviza um riixo.

De E. pela queda das aguas para esta capitania ou para a da Parahiba e Rio-Grande, e do S. com o termo de Campo-maior e de São-João do Principe.

As estradas geraes são as das vargens do Jaguaribe até a villa de São-Bernardo e a do Aracati, e a do Icó para o Crato. Dezenboca n'esta villa a estrada, que vem do Piauí e de São-João do Principe para Pernambuco, e passa na povoação do Umari além das mais que d'estas duas se ramificam para as mais da capitania.

Dista do Aracati 58 leguas, e seguindo outros 60; de São-João do Principe 40, de Campo-maior 40, e da Fortoleza 80.

VILLA DE SÃO-BERNARDO

A 10 leguas ao S. do Aracati fica esta villa, junto ao rio Jaguaribe, e na continuação das suas vargens. Os povos se mantêm da cultura do algodão, que a duas safras não produz: na de 1815 por muito inverno, e este anno por sêca.

Outro ramo é a criação de gados, e este é geral, e do curtimento de sóla o pelicas, por ser este o termo aonde se cria mais gado lanar.

A proximidade da villa do Aracati faz com que a villa se não tenha augmentado desde a sua criação em

1801, sem licença de V. M. Não tem caza de camara nem cadeia, nem o conselho patrimonio. Os negocios forenses são taes que não admitem um rabula. Ha no termo 11.300 habitantes: tem uma povoação e mui pequena dependente da freguezia do Aracati, e outra dependente da freguezia dos Páos dos Ferros. Tem um lugarejo e capella no Taboleiro da Areia; São-João com capella, tem 4 cazas; a capella do Livramento, só tem a caza do capellão; o lugarejo do Quixossó, com uma capella filial dos Páos dos Ferros; a povoação de Santos Cosme e Damião, com capella na serra d'este nome, tambem filial aos Páos dos Ferros.

Tem o termo 24 leguas de latitude, e 41 de longitude; extrema pelo N. com o Aracati, pelo S. com o Icó, de E. com o termo da villa de Porto-Alegre, e ao O. com Campo-maior. Dista do Aracati 10 leguas, 48 ao Icó, e 50, segundo outros, 40 a Campo-maior e 40 a Fortaleza.

MONTE-MÓR O NOVO

Na serra de Batorité ao S. da Fortaleza está situada esta villa, erecta para os Indios congregados de outros lugares, e hoje quazi toda habitada de extra-naturaes, nome que se dá a todo o que não é indio. Não tem caza de camara, nem cadeia, nem o conselho patrimonio.

A agricultura é de legumes, que se vendem em pequena quantidade para a villa da Fortaleza, algodão e cana. O algodão d'este termo passa pelo melhor da capitania. A cana é reduzida a rapaduras, que se extrae para o sertão de Campo-maior e Canindé, termo da Fortaleza, em engenhocas mais pobres que as do Cariri.

Tem o termo 20 leguas de latitude e 14 de longitude, em duas freguezias, a da villa, que é propria dos Indios, e tem de limites 2 leguas, e parte da freguezia do Aquiraz. Tem a povoação das Itans com uma capella filial do Aquiraz, 10 leguas da villa.

A villa tem 84 cazas muito arruinadas, muitas cobertas de palha, e muito insignificantes.

Confina pelo N. com o Aquiraz e Fortaleza, pelo S

com Campo-maior, a E. com São-Bernardo, e ao O. com a Fortaleza. As estradas principaes são a da Fortaleza, a do Aracati, a de Campo-maior, a que vae para o Canindé, e continúa para o Sobral e para Villa-Nova de El-Rei. Dista do Aracati 38 leguas, 30 do Campo-maior, e 25 da Fortaleza, no inverno 30 por estrada mais longa.

*
* *

Taes são as villas d'esta capitania e comarca, que se pinta de uma riqueza ponderavel, ou porque os naturaes não viram outra com que façam relação, ou porque os homens, naturalmente dados ao maravilhoso, querem sempre achar o grande, no terreno em que habitão, por estabelecimento, ou em que são empregados.

Um agregado de cauças fizicas dificultão o adiantamento d'este terreno, que circumstancias moraes estorvão poderem ser minoradas, e que tarde se emendarão, dada a pessima educação popular que recebem, pouco amor ao luxo bem entendido, nenhum horror ao crime, com que tanto se tem familiarizado, que é ponto de honra e caprixo defender e acoitar o homicida, além de outros motivos que seria molesto repetir.

Ainda que ao meo particular interesse convém que a comarca se não divida, como homem publico empregado por Vossa Magestade em seu real serviço, direi que será a beneficio dos povos a divizão d'esta comarca, não porque seja dificultoso corrigil-a pela quantidade de suas villas; muito maior numero tem as centraes do reino de Portugal, de outra consideração em população e riqueza e são corrigidas, mas porque n'esta comarca grande parte do tempo se consome em enfadónhas jornadas por estradas de villas, aonde é necessario levar absolutamente tudo o que não é carne de vaca e farinha, como succede mais ou menos em todas, á excepção da Fortaleza, Aracati e Icó, faltando o tempo para continuar a correição, pela entrada do inverno, no qual é necessario estacionar em alguma villa, ou quando a extrema sêca faz impraticavel a viagem.

Mas como é do interesse publico, que os magistrados tenham para sua necessaria manutenção a bem da commodidade dos povos, e mais equilibrada distribuição em população e meios, no cazo da divizão, parece que o projecto seria mais racionavel verificado em sentido longitudinal, e não em latitude. Uma comarca de beira mar, compreendendo Aracati, São-Bernardo. Monte-mór, Aquiraz, Fortaleza, Sobral e Granja, suprimidas as trez villas de Indios, Mecejana, Arronxes e Soure; outra comarca do sertão, compreendendo Icó, Santo-Antonio do Jardim, Crato, São-João do Principe, Villa-Nova de El-Rei, Villa-Viçosa Real e Campo-Maior. A primeira teria por cabeça de comarca a Fortaleza, e a segunda, Campo-maior.

O termo do Aracati está muito defeituozo; porque o morador do lado do O. á margem do rio, estando um quarto de legua distante, tem de ir tratar dependencias do fôro á villa do Aquiraz, 23 leguas distante. O estado d'esta villa nem duração promete, quanto mais augmento; parece pois, que os povos ganhavam em se extinguir esta villa e estender o termo da Fortaleza até ao lugar da Cascavel, 14 leguas distante, que tanto fica tendo de estensão a Fortaleza para este lado de E. Do Cascavel em diante unido ao Aracati, que ficava com 16 leguas do poente. O acrescimo da villa da Fortaleza, na aquizição d'este territorio e das trez leguas quadradas que formão as trez villas de Indios, seria diminuido na serra da Uruburetama com a junção dos dois lugares de Santa-Cruz e São-Jozé desanexados da Fortaleza e do Sobral.

Ali ha commercio pelos algodões e necesidade de pronta administração da justiça, que se retarda pelas distancias das duas villas e no inverno pela dificuldade de passar o Curú para a Fortaleza, que seria a extrema do lado de E., e o Aracati-assú para o Sobral, que seria a outra diviza ao do lado O. sendo a serra e o intermedio dos dois rios o mais habitado do termo.

NOTA.—Esta memoria foi publicada sob o mesmo titulo na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Que ella não é trabalho do Engenheiro Paulet tenho certeza e

bastam para disso convencer-me algumas das asserções contidas na Descrição; seu autor é antes o magistrado a cujo particular interesse não convinha que se dividisse a comarca de então, e não é outro senão o ouvidor Rodrigues de Carvalho.

O anno em que ella foi escripta e endereçada a El-Rei deduz-se egualmente de alguns dos seus dizeres. E' assim que no capitulo dedicado á villa de S. Bernardo já se refere ao inverno de 1815 e tratando da de Santo Antonio do Jardim diz que essa villa ao S. E. da Fortaleza foi erecta *este anno*.

Ora si é de 30 de Agosto de 1814 o Alvará erigindo em villa a povoação da Barra do Jardim com o nome de villa de Santo Antonio do Jardim e só a 3 de Janeiro de 1816 o ouvidor Carvalho deu execução a aquelle Alvará claro é que a *Memoria é desse anno*, isto é, 1816. Ainda posso precisar mais a data. A *Memoria* é da 1.^a metade de 1816, visto como diz seu autor *ainda que ao meo particular interesse convem que a comarca se não divida, como homem publico empregado por vossa Magestade em seu real serviço direi que será a beneficio dos povos a divisão d'esta comarca*, e é sabido ser de Junho de 1816 o Alvará que creou a nova comarca do Crato, a qual comprehendia no seu districto as villas de S. João do Principe, Campo Maior de Quixeramobim, Icó, Santo Antonio do Jardim e S. Vicente das Lavras.

O original da Memoria, como verifiquei, encontra-se nos archivos da Bibliotheca de Fortaleza e como a elles foi ter diz a seguinte correspondencia:

ILL. EX. SNR. CONSELHEIRO TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.—*Macahé, 6 de Agosto de 1896*—Remetto hoje junto a este, e devidamente *registrado*, o original da «Descrição Geographica da capitania do Ceará» de que é auctor o finado Coronel de engenheiros Antonio José da Silva Paulet, de naturalidade Portugueza.

E' um valioso presente que eu desejo, seja feito á Bibliotheca ou Archivo Publico do Estado do Ceará por V. Exc. a quem devo palavras de muita animação na Via Dolorosa que encetei através de espessa cerração dos primeiros tempos da nossa Historia Patria, e a quem considero, honrando-me neste ponto de fazer côro com a opinião sensata e illustrada d'este paiz, como um dos mais benemeritos filhos d'aquelle

tão bella porção do territorio nacional.

E termino pedindo licença para subscrever-me

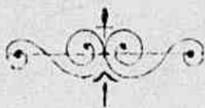
De V. Exc. Amigo respeitoso e muito grato. — AUGUSTO DE CARVALHO.

Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1896—ILL. SNR. JUVENAL GALENO DA COSTA SILVA—*Bibliothecario da Bibliotheca da Fortaleza*—O Snr. Augusto de Carvalho, rezidente em Macahé, entregou-me o manuscrito que agora remeto, com o titulo «*Descrição Geografica da capitania do Ceará*», que o mesmo Snr. oferece a bibliotheca d'essa cidade. Este trabalho, conforme assegura o ofertante, é produção do engenheiro Antonio José da Silva Paulet, que por algum tempo esteve n'esse estado ao serviço do governo portuguez, sendo o manuscrito do proprio punho do autor. Apreciando a oferta, agradei de minha parte a lembrança, que faz depositar n'esse estabelecimento literario da nossa capital um codice, que pode ser util para qualquer estudo comparativo, que seja necessario fazer da condição passada da antiga capitania com a situação presente do actual estado do Ceará.

Sou com estima seu Patr. amg. ven.^{or}—TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.

Na capa do velho manuscripto offertado à Bibliotheca de Fortaleza o nome de Antonio José da Silva Paulet está na realidade escripto mas por lettra visivelmente moderna e de cunho muito differente.

Ceará, 1 de Janeiro de 1898.—DR. GUILHERME STUDART.





PRESIDENTES DO CEARÁ

Periodo Regencial

7.º PRESIDENTE

Senador José Martiniano de Alencar (1)

POR

Paulino Nogueira

(Continuação da pag. 104 do 2.º Trimestre de 1897)

I

Foi o 4.º cearense nomeado Presidente do Ceará.

Nasceu a 16 de Outubro de 1794 no insignificante povoado da Barbalha, hoje cidade e comarca, pertencente então á villa, depois cidade do Crato: donde veio com rasão dizer-se geralmente que elle era Cratense.

(1) Origem do nome *Alencar*. Os Alanos, depois da sua derrota e morte do seu rei Atacés, viveram com os Suevos, que se deram todos a erigir novas habitações na Lusitania, entre as quaes conta-se a cidade de Albuquerque e Jerabica, cujos muros foram de novo levantados, pondo-lhes o nome de *Alenker--Kan*, que no seu idioma quer dizer—*Templos dos Alanos*; depois chamado *Alenker* ou *Alenquer* e hoje villa a algumas leguas nas margens do Tejo, visinho de Lisboa. La Clede, *Historia de Portugal*; Varnhagen (Visconde do Porto Seguro), *Historia Geral do Brasil*, Tom. 1.º, pag. 65.

De *Alenker* veio, por corruptela—*Alencar*, appellido de uma familia cearense, cujo tronco é o seguinte:

Foram seus paes o negociante portuguez José Gonçalves dos Santos e D. Barbara Pereira de Alencar, cujo genio viril fal-a figurar com saliencia nas chronicas politicas do tempo.

Cêdo Alencar manifestou feliz intelligencia e applicação ás lettras; e os paes, que dispunham de bens da fortuna, resolveram logo aproveitar seus dotes intellectuaes, mandando-o estudar no Seminario de Olinda, unico estabelecimento litterario superior que se offerencia á mocidade para illustrar seu espirito com destino ao sacerdocio.

Não sei em que idade nem em que anno partio o menino ao seu destino; mas o que é certo é que na revolução pernambucana, que rebentou no Recife a 6 de Março de 1817, elle era diacono estudante de Rhetorica e gosava de tamanha nomeada e confiança entre os patriotas republicanos, por seus talentos e civismo, que foi admittido ao seio da Academia do Paraiso, aggremação de character e intuitos essencialmente politicos, creada especialmente para promover e levar ao cabo a revolução.

O joven cearense atirou-se de corpo e alma á causa republicana ou revolucionaria com todos os nobres ardores da juventude, e de tal modo se houve em circumstancias tão anormaes e difficilimas que, si da arriscadissimo empreza recolheo tormentos incriveis, não resta duvida que foram elles a base certa da sua futura felicidade e elevação social.

Nos principios do seculo passado chegaram ao Exú, em Pernambuco, tres portuguezes irmãos, vindos de Portugal: Leonel do Alencar Rego, Luiz Pereira de Alencar e D. Joaquina de Alencar.

O 1.º casou-se u'uma das melhores familias do lugar, e habitou a Caiçara, tendo por descendentes—Leonel Pereira de Alencar, que foi habitar o Jardim, e D. Barbara Pereira de Alencar, que casou-se no Crato; o 2.º só teve descendencia bastarda, que povoou Brejo Secco e Varzea da Vacca, tambem neste Estado; e a 3.ª casou-se no Piahy, e della procedem o Visconde da Parna-hyba e os Carvalhos de Valença.

Sua vida publica, assás longa e agitadissima, por duas vezes já quasi roçando pelos varões do cadafalso, constitue paginas brilhantes da historia politica, parlamentar e administrativa do Ceará, aliás do Brasil; por isto releve o leitor que eu me demore na exposição destes apontamentos.

II

Proclamada a republica, no Recife, com a deposição do respectivo Governador, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois Marquez da Praia Grande, entendeu o Governo provisorio de toda conveniencia estender tambem a conquista até ao Ceará, e foi por elle escolhido o diacono cearense, que passava por exercer grande ascendencia sobre o animo do seu padrinho Padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, vigario do Crato, e este sobre o Capitão-mór José Filgueiras—a influencia mais popular da Provincia.

Para assegurar melhor o exito da melindrosa commissão foi-lhe dado por companheiro o Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, mais conhecido por *Padre Miguelinho*, devendo ambos desempenhal-a de conformidade com as seguintes instrucções assignadas pelo Padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro e Domingos José Martins, membros importantes do Governo:

« Irão os patriotas fazendo a sua viagem com toda a paz, politica e cautela, obrando por este modo quando tratarem com os povos, por onde passarem; e se os acharem dispostos para a boa causa, procurarão accender ainda mais o seu patriotismo, mostrando-lhes as antigas oppressões e os bens, que nos virão de não sermos mais governados por ladrões que vem de fóra chupar a nos a substancia.

« E se acharem os povos em uma total ignorancia e abatimento, procurarão dar-lhes algumas idéas a favor da causa e inflamar-os; porém se acharem algum tenaz partidista da tyrannia, não entrarão com elle em discussão; basta que os fiquem conhecendo.

« Assim em direito até se avistarem com o vigario

do Pombal, do qual haverão noticias do estado da comarca do Ceará, tanto do seu interior como beira-mar, e terão noticias do Padre Luiz José. Se este se tiver declarado pela boa causa, irão ter com elle e d'alli partirá o patriota *B* (1) pelas cabeceiras do Rio do Peixe ao seu destino, ficando com o Padre Luiz José o patriota *A* (2) para d'ahi escrever cartas e mandar papel aos seus amigos do Icó. Estas cartas devem ser persuasivas sem darem a entender que as pessoas, para que foram dirigidas, querem a liberdade, para as não comprometter.

« Chegando ao Pombal, se houver certeza de que o Padre Luiz José não é pela Patria, seguirão o mesmo destino; e se parecer melhor, ambos irão para o Crato, por cima. Revolucionado o Crato e o Icó, mandarão logo a Pernambuco aviso para lhe dar soccorro, e estas villas podem com cartas e proclamações fazer que se levantem Aracaty e Sebral, e mesmo sem soccorro de Pernambuco poderão atacar a villa da Fortaleza e destruir o tyranno.»

Os dous emissarios não se fizeram demorar. Em breve chegaram ao Rio do Peixe, na Parahyba; e como assim conveio, separaram-se ali ficando Miguel Joaquim na fazenda do Padre Luiz José, seguindo Alencar para o Crato, onde chegou a 30 de Abril, depois de uma viagem de duzentas leguas.

A sua chegada soube logo de uma novidade que muito o surpredeu e contrariou, e era que o portador Geraldo Henrique de Mira, que elle havia expedido da Parahyba aos seus parentes e amigos, tinha sido preso no caminho com toda a correspondencia. Mas, intrepido e resolutu, não desanimou, antes a amarga decepção fê-lo redobrar de esforços, como zôe sempre acontecer aos espiritos alevantados.

(1) Era o diacomo José Martiniano de Alencar.

(2) Era o Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, que não sei porque é chamado pelo Monsenhor Muniz Tavares, em sua *Historia da Revolução de Pernambuco em 1817*, Pag. 74,—Miguel Joaquim Cesar, sendo ambos victimas da mesma causa e que tanto se deveram ter conhecido e aproximado pelo soffrimento commum!

Em pessoa entregou as segundas vias das credenciaes que o acreditavam emissario, e poz mãos patrioticas á obra da revolução, que elle dava já por triumphante por toda a parte.

A familia, paes (sobretudo a mãe), irmãos, parentes e amigos decidiram-se logo com enthusiasmo. O Vigario, que não conhecia outro culto que não o do seu Deus, nem outra obediencia que não a do seu rei, embora contragosto, teve de ceder, depois de supplicar-lhe que desistisse da empreza, graças á extrema amisade que consagrava ao afilhado, tão profundamente empenhado e compromettido que se mostrava.

E ao proprio Capitão-mór Filgueiras, de inexcediveis popularidade e força physica (1), mas de uma ignorancia e estupidez proverbias, a eloquencia do tribuno e a acquiescencia do seu parochó poderam ainda neutralisal-o na sua cega dedicação á sagrada pessoa de El-Rei (2), promettendo não se oppór ao movimento.

Alencar podia-se desvanecer da conquista e da victoria; e de facto assim se mostrava com o resultado, que a fortuna não deixou durar muito.

(1) Contão-se realmente deste homem coisas extraordinarias, attestadas por pessoas fidedignas e de notoriedade publica, donde provinha a especie de culto que o povo lhe votava por sua força descommunal. Um dia encontra-se com um sobrinho preso por cinco homens armados; elle só toma o preso, ponlo em debandada a escolta, depois do sério conflicto! Outra vez, achando-se na fortaleza desta Capital, deante de mais de duzentas pessoas, levanta com uma só mão uma barra de ferro que nenhum dos expectadores poude aluir! Tinha precisamente a força de cinco homens robustos. Mandava-os pegar na ponta de uma corda, e elle, pegando na outra, não conseguia aluil-os por muita força que fizesse! —Equilibravam-se perfeitamente as forças! Era certamente um Hercules!

(2) E' esta a verlade que Monsenhor Muniz Tavares refere na sua *Historia* citada, Pag. 76; mas em opposição aos *Martyres Pernambucanos* do Padre Joaquim Dias Martins, Pag. 20, onde o facto é contado de modo exagerado e inveridico. Pessoas de toda a fé me asseverou, e eu creio, que Filgueiras nunca pedio o prazo de oito dias, nem prazo algum para se resolver; e muito menos assignou a acta da proclamação da Republica.

Sua casa (1) era o centro obrigado de todas as operações.

No dia 3 de Maio, domingo, depois da missa conventual, Alencar, vestido de batina e roquete, sobe ao pulpito; e, depois de uma allocução vehemente e patriótica, proclama a republica, sem a minima opposição, sendo aliás seus *vivas* correspondidos enthusiasmicamente pelo numeroso auditorio; do que lavrou-se o competente auto.

No adro da matriz é logo arvorada uma bandeira branca, symbolo da republica (2); e, em falta de artilharia ou fortaleza, desparam-se, á maneira de salvas, todas as armas de fogo que se podem encontrar. A' noite muitas casas illuminam suas frentes.

Suppondo-se senhor da situação e dominador do

(1) Esta casa ainda existia a 17 de Agosto de 1834, como assegura o illustrado Padre Bellarmino José de Souza, no seu excellente trabalho—*Visita Pastoral de D. Joaquim José Vieira* á sua Diocése, publicado na *Constituição* n.º 85 de 18 de Setembro de 1885:

«Tambem existe ainda a casa de Alencar, pequena e baixa, com tres portas de frente, para a construcção da qual, dizem, foi preciso vir um architecto do Rio de Janeiro! Como se mudam os tempos! O Crato de hoje está inteiramente novo e aperfeiçoado.»

(2) Sobre a bandeira da republica, em 1817, eis o que diz em sua *Historia* citada, pag. 99, Monsenhor Muniz Tavares:

”Eram azul e branco as côres da bandeira: esta, dividida horizontalmente em duas partes iguaes pelas suas mencionadas côres, continha no meio da parte branca uma cruz vermelha indicando ser o Brazil consagrado áquelle precioso stigma da humana redempção; em outra parte apparecia recamado o sol em todo seu esplendor, como constantemente mostra-se na região equatorial, e rodeado de tres estrellas, symbolo das Provincias insurgidas.”

Moreira de Azevedo acrescenta nas suas *Lembranças Historicas*, publicadas no *Jornal das Familias*, 1875, pag. 371:

« Foi pintada por Antonio Alves, que encarregou-se tambem de tirar os retractos dos membros do Governo Provisorio; do que tendo noticia Rodrigo Lobo, logo que apossou-se da cidade do Recife, determinou mandar atar ás grades da cadeia aquelle pintor e açoi-tal-o, como praticou com outros individuos de côr, quer escravos, quer livres; mas apadrinhando-se o artista com um retracto de D. João VI, que possuia, conseguiu escapar a tão infamante castigo.»

Crato, Alencar já se prepara para ir ao Jardim proclamar também a republica de acordo com seu tio Capitão-mór Leonel Pereira de Alencar, com cuja influencia contava, quando surgem entre o povo, como por encanto, boatos e rumores de contra-revolução, operada por Filgueiras, que conservara-se, durante todo o movimento, ausente da villa, em sua fazenda.

Diz-se que este Capitão-mór tivera noticias de que o Rio Grande do Norte e Alagoas já haviam proclamado a contra-revolução, destroçando completamente os revolucionarios; assim como que a Capital e todas as outras localidades conhecidas se conservam fieis ao antigo regimen, que por toda a parte váe triumphando das novas ideias e dos seus promotores.

O desanimo começa logo de lavrar na população revolucionada com o effeito nocivo da peste; uns já se concentram em suas casas, outros se retiram para as suas fazendas; estes se mostram descrentes, aquelles totalmente arrependidos de um passo tão arriscado.

Debalde Alencar, auxiliado poderosamente pelo Frade Carmelita Francisco de Santa Anna Pessoa, que entusiasticamente abraçara, desde principio, a causa republicana, procura levantar-lhes o animo abattido, alentando-lhes esperança de melhor futuro e assegurando-lhes que o Capitão-mór seria incapaz de trahil-os.

Tudo baldado! tudo irremessivelmente perdido! Ao incipiente retrahimento váe lentamente substituindo o abandono, a deserção, e por fim infallivel o deserto. O vigario, que pode ser ainda um oraculo animador para os timidos ou cobardes, comquanto dedicado e sincero, geme comtudo com o presentimento de proximas catastrophes.

Alencar está só, cercado apenas ainda de sua mãe, manos e um ou outro amigo!

O povo sempre foi assim. Admira que haja ainda quem se admire de facto tão antigo e commum como a desgraça. Já Ovidio dizia antes de Christo: *Tempora si fuerint nubila, solus eris.*

III

Bem disse La Mennaie— *Tout ce qui arrive dans le monde a son signe qui le precede.*

Tudo aquillo que aquella gente presentia, já sentia e quasi via era o signal certo do que devia necessariamente e em breve acontecer.

De feito, Filgueiras já havia recebido de Manoel Ignacio de Sampaio, Governador da Capitania, um Edital, para ser publicado em todas as localidades, referindo os acontecimentos do Recife, seus successos e insuccessos, concluindo por ordenar a todas as autoridades que estivessem attentas, para que não fossem tomadas de surpresa no caso de algum rompimento imprevisto, cumprindo-lhes em todo o caso reprimir qualquer manifestação contraria ás instituições juradas, prendendo os cabeças e remettendo-os para a Capital.

Mas tudo isso nada seria para um espirito nimiamente curto e inculto, si Francisco Miguel Pereira (1), tabellião e Escrivão das Correições do termo, seu amigo intimo e assessor, não o convencesse da indeclinavel necessidade de proclamar, quanto antes, a restauração e prender os cabeças da revolução, sob pena de acarretar com as iras do Governador, si este visse desrespeitadas suas ordens em um caso de tanto momento para a monarchia e a ordem publica.

A' vista disso, Filgueiras, sobre quem Francisco Miguel exercia grande ascendencia, não trepida um instante: váe á villa com gente armada, na manhã de 11, dá *vivas* á monarchia, os quaes são tambem geralmente correspondidos; faz hastear a bandeira real onde estava arvorada a republicana, e prende como principaes motores do movimento suffocado—Alencar, seus dous irmãos Padre Carlos José dos Santos, Tristão Gonçalves Pereira de,

(1) Depois de 1824 chamou-se Francisco Miguel Pereira Ibiapina. Era o pae do Padre Dr. Ibiapina, cuja biographia convém consular nesta *Revista*, Tom. 2.º, pag. 165.

Alencar (1), o Major José Francisco de Gouveia Ferraz, Ignacio Tavares Benevides e Frei Francisco de S. Anna Pessoa, que se entregam á prisão sem a minima resistencia, mas tambem sem se acobardarem.

Quanto á D. Barbara, sendo o Capitão-mór seu compadre, e querendo ter para com ella complacencia, mandou ensinuar-lhe que, para escapar á prisão, convem que se retire para a sua fazenda do Rio do Peixe; mas a heroína recusa a graça, respondendo com dignidade que prefere seguir a sorte ingrata de seus filhos a receber favores da tyramnia. No dia seguinte é effectuada sua prisão; e, oito dias depois, parte presa para a Capital com seus filhos. Ferraz e Benevides, sendo-lhes antes sequestrados os bens. Frei Francisco fica por doente.

Mas, o mais notavel em tudo isso é que Francisco Miguel, que resolveu Filgueiras a fazer essas prisões por amor á monarchia, sete annos depois, em 1824, é com o mesmo Filgueiras victima da sua sincera conversão á republica; como verá o leitor no logar competente!

São, porem, 4 horas da tarde (hora de proposito escolhida para produzir sensação publica) do dia 20, quando começam na frente da cadeia os preparativos da partida, que mais de um facto devem tornar ainda mais commovente. Já estão todos os presos algemados, menos Alencar. Quando o ferreiro váe rebater-lhe os pregos da algema, o martello resvala, bate-lhe no pulso, e o moço geme de subita dor. Tristão, que estava ao lado do mano, toma-se de colera e dá com tanto impeto com a algema na cabeça do ferreiro que fâl-o cahir. Filgueiras vê, mas nada diz, talvez satisfeito com esse acto de coragem e força, a que não podem ser desagradavelmente insensíveis seus nervos herculeos.

Alem de algemados, uma corrente prende-os pelo pescoço, com o intervallo apenas indispensavel para deixal-os

(1) Quando foi eleito Presidente da ephemera Republica do Equador, em 1824, já assignava-se—Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

manter a cavallo, sob cuja barriga cada um tem as pernas amarradas.

Desse terrível concerto de torturas faz excepção D. Barbara, que, apenas algemada, monta a cavallo, sendo o cabresto pegado por um soldado, de clavinote ao hombro e cacete na mão.

A *conducta*, como então se chamava uma escolta, era commandada pelo Coronel das Fronteiras Alexandre José de Chaves e Mello, e composta, na vanguarda, de gente parda, de camisa e ceroula, e chapéo de coiro, toda armada de cacetes, clavinotes, espingardas e outras armas de fogo; e, na retaguarda, de indios nús da cintura para cima, e armados de arcos e flexas.

Quando nada mais faltava, o Commandante levanta *vivas* á monarchia e á casa de Bragança, e *morras* á republica e aos traidores, vivas que são calorosamente correspondidos pela tropa e povo; e parte em direcção á estrada que leva ao Icó, com instrucção para a marcha ser calculada de modo que só passassem ou entrassem nos povoados e villas em pleno dia, para que todos vissem bem aquella scena....

A plebe presente, como a de todos os tempos, para ser agradavel aos dominadores, váia em despedida, com toda a sorte de improperios, os infelizes que pouco antes tinham sido objecto de seu enthusiasmo! Faz lembrar aquella outra plebe, que no pateo de Pilatos pede desatinadamente a condemnação do Divino Mestre, ha pouco recebido por elle mesmo com ramos verdes e toda a sorte de jubilo!

*Poro ! Infante cruel, que ri, quebrando,
Que só no destruir ensáia as forças,
E do genio brutal seguindo o instincto,
Só comprehende o poder na tyramnia ! (1)*

(1) Lamartine, *Jocelyn*, Traducção do Barão de Paranapiacaba, Pag. 45.

Da mesma forma entram á tarde no Icó, e no outro dia, á mesma hora, partem.

Iguaes entrada e sahida fazem em S. Bernardo das Russas, donde vêm em directura á Capital.

IV

Em meiado de Junho chegam os presos á Capital, onde os aguardam tormentos taes que a fama, com suas cem bocas, fâl-os ainda maiores, como si, para tornal-os execraveis, precisem de ser exagerados. Ao contrario, é exaggerando-se as cousas que ellas se tornam menos acreditaveis. *On affaiblit tout ce qu'on exagère.*

Por isto julgo da maior conveniencia rectificar ainda agora, pela 4.^a vez e muito a proposito, o que diz o Dr. Pedro Theberge, no seu *Esboço Historico sobre a Provincia do Ceará*, 2.^a Parte, Pag. 19 :

« Ahi (Capital) Sampaio os prendeo em umas masmorras que *havia feito praticar debaixo do chão, no interior da fortaleza*, a qual estremecia sobre suas cabeças todas as vezes que se davam salvas; e estas eram renovadas a cada momento, como que por acinte aos presos, aproveitando-se para isto todas as noticias favoraveis á contra-revolução, afim de torturar ainda mais as victimas no carcere obscuro e humido que occupavam.

Quando sahio do prelo esse trabalho, eu apressei-me a fazer, pela *Cõstituição* n.º 24 de 27 de Fevereiro de 1876, a seguinte rectificação, que peço venia ao leitor para reproduzir como a expressão da verdade, tanto que nunca foi contestada :

« E' certo que, desde muito até hoje, corre como verdadeira essa versão, creada talvez a principio pela imaginação popular, sempre amiga do maravilhoso e extraordinario, e repetida depois sem exame nem critica por supór-se cousa somenos para a historia e condigna da vida amargurada desses infelizes patriotas.

« Tratando-se, porém, de factos historicos todo o erro pode ser fatal, e deve ser por isto em tempo recti-

ficado, para que no futuro não vá tomar o lugar da verdade.

« Apesar de terem soffrido muito nessa occasião Alencar, sua mãe e irmãos, não é exacto, todavia, que em tempo algum tivessem estado nessa masmorra *debaixo do chão*, e não menos que esta tivesse sido feita de proposito para elles.

« Ainda vivem muitas pessoas que sabem de conhecimento proprio, que a prisão destinada, nesta capital, aos presos de 1817, foi dous estreitissimos e immundos quartinhos, no antigo Quartel de 1.^a Linha, do lado do sul, entre a então chamada Cadeia do Crime e a fortaleza. Ahi muita alma caridosa soccorreo-os, livrando-os muitas vezes das maiores torturas da nudez e da fome até que embarcaram com destino aos carceres do Recife e depois da Bahia.

« Si o velho Quartel não tivesse passado, depois, por tantas transformações, que o converteram por fim no elegante edificio que todos conhecem, ainda hoje o curioso poderia deparar nelle com os restos, pelo menos, dessa celebre masmorra, onde se lançaram com sangue e lagrymas os primeiros alicerces da nossa tão suspirada independencia.

« E' possivel que não menos do que na outra soffressem os presos nesta prisão todos os tormentos que o despotismo costuma applicar aos infelizes que subjuga; mas não é exacto que lá elles tivessem estado, nem é crível que se tivesse mandado fazer essa masmorra para quem devera seguir logo a outro destino.

« Este carcere, de que falla o Dr. Pedro Théberge, *praticado debaixo do chão*, é o paiol que tem toda fortaleza, até os fortes, na *falsa-braga*, especie de subterraneo, onde se guarda com toda a cautela a polvora necessaria ao serviço ordinario. E não me consta que em tempo algum tivesse servido de prisão álguem.

« Apenas sei que, em 1856, na administração do conselheiro Vicente Pires da Motta, esteve para ser lançado nesse horroroso carcere, no qual ainda se fizeram concertos, um criminoso de morte, de nome João Fran-

cisco Tavares, conhecido por João-Chico, que, já estando condemnado á pena ultima, fez mais uma morte na cadeia publica, onde foi carregado de ferros. Mas esse mesmo desgraçado nunca sahio da prisão commum, donde seguio afinal para o seu fatal destino, no Ipú.» (1)

V

Sampaio exagerou sua dedicação ao throno. Parece que aspirava por essa situação anormal para mostrar-se mais realista do que o rei. Só por ter relações de amizade com Domingos José Martins, um dos membros do Governo Provisorio do Recife, o Ouvidor da Comarca da Capital João Antonio Rodrigues de Carvalho, depois nosso senador na organização do senado, em 1826, é preso e remettido para o carcere de Lisboa.

Faça-se por aqui ideia do trato cruel que elle reserva a presos da importancia dos do Crato, réos convictos de crime de lesa-magestade.

Depois de revistados os homens, da cabeça até aos pés, são, incommunicaveis e carregados de grilhões, atirados a um d'aquelles cubiculos immundos, donde só alguem póde fallar-lhe na distancia de dez passos, com sentinella á vista. D. Barbara, porem, só, é lançada noutro, donde nem sequer póde ter a consolação de ver os filhos; mas com elles participa tambem dos incommodos das salas da fortaleza, tão perto e repetidas que tornam-se incommodativas até mesmo aos que gosam boa saúde e plena liberdade.

A comida ou *boia*, que lhes é fornecida, consiste em intestinos de boi cozidos n'agua e sal, com farinha secca, em uma tina semelhante a côcho de porcos. Esse mesmo detestavel alimento, para chegar aos infelizes, é primeiramente revistado pelo official da guarda, afim de ver si váe dentro algum bilhete, e fál-o mettendo a durin-

(1) Igual rectificação encontra o leitor nesta *Revista*, Tom. 2.º, pag. 127, e Tom. 8, pag. 304.

dana na caldeira, e remexendo de tal modo e conteúdo que, ás vezes, cáe parte no chão, donde volta á tina mesmo com areia, sem a minima limpeza.

Esses soffrimentos, já de si tão grandes, são ainda mais augmentados com os que lhes dá tambem o contacto dos ferros sobre a carne núa e assás macerada; pois a roupa suja, immunda e rasgada, com que entraram no carcere, já ha desaparecido, desfeita em trapos, para calçarem e alliviarem os durissimos grillhões.

Em uma situação tão dolorosa occorre a Alencar, vencendo a apertada vigilancia em que vive, escrever ao Padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mello (1), secretario de Sampaio e seo amigo, valendo-se delle, como seo irmão em Christo, para que conseguisse do Governador mandar alliviar a sorte sua e dos seus desgraçados companheiros. Mas o Padre Gonçalo, *horribile dictu!* esse illustre sacerdote, que mais tarde pagou com a vida os seus extremos pela liberdade, longe de interceder pelo seo irmão infeliz, entrega a pungentissima carta a Sampaio com esta nota á margem, que o leitor qualificará melhor *Como irmão poderia interessar — me pelo preso, mas como subdito do rei, voltando-lhe as costas, sempre lhe direi: — Morra o traidor!*

Sampaio toma o conselho do secretario e amigo, e continúa de costas voltadas para os presos, para quem parece que está reservada, desde que entraram no carcere, a mesma sorte dos condemnados de Dante: *Lasciate ogni speranza. voi ch'entrate!*

Chega a vez da pobre mãe. Ella não tem a ventura de ver os filhos, mas tem a desventura de ouvir-lhes os gemidos, que lhe cortam o coração e lhe delaceram a alma. Tudo envidaria para soccorrel-os, e váe tentar o ultimo recurso, talvez.

Por occasião de serem-lhe sequestrados os bens, no

(1) Na Revolução do Equador tambem mudou o nome, assignando-se—Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó. Vide esta *Revista*, Tom. 3.º, pag. 204.

Crato, poudes occultar na perna um cordão de oiro de grande valor; e, como na cadeia, em que está, não fosse revistada, poudes ainda conserval-o intacto. Chama um sargento, que se mostra compadecido, e pede-lhe, com lagrymas nos olhos, que venda aquella obra, e com o producto compre alguns trapos de panno com que possam os filhos envolver os ferros e mitigar as dôres. O pedido é promptamente satisfeito, mas o inferior é logo severamente punido—preso e rebaixado do posto, para exemplo.

Assim os presos tocam ao auge do desespero.

Tristão Gonçalves, destimido como um louco, resoluto como um heróe e inflexivel como o destino, reflecte consigo: Si temos de morrer assim lentamente, cortindo agónias peiores do que a propria morte, pois morramos logo, acabando com uma vida tão cruel. Forma um plano desesperado, mas não quer leval-o logo á execução sem que primeiro o communique á mãe, como filho obedientissimo que é. Como e por quem, porem, communicar-o?

Quasi sempre aos infelizes quer Deus que os acompanhe, como a sombra ao corpo, uma alma boa, representante do sentimento da gratidão, da caridade ou da virtude. A Camões seguio, atravez das enxergas dos hospitaes, até ao tumulto, o seu fiel Jau, que esmolou muitas vezes para matar a fome ao grande epico. Aos Alencares não falta tambem o seu fiel Jeronymo, liberto que nunca os abandonou desde que a fortuna mostrou-se adversa aos seus ex-senhores. Foi este o intermediario escolhido para a comunicação que devia ser feita infalivelmente.

Resolvido este obstaculo, Tristão, com o proprio sangue, escreve com um espinho n'uma mortalha (que bem mortalha se está parecendo um tal papel!), ou capa de cigarro: — *Hoje ou amanhã, na occasião da distribuição da comida, fugimos, dê no que der.* Tristão está como os vencidos de Virgilio: só um acto de desespero póde salvar-o! *Una salus victis, nullam esperare salutem.*

Avalie quem tiver coração e filhos como não ficaria a pobre mãe, já tão afficta e angustiada, ao receber esse bilhete, escripto com o proprio sangue, como que para

significar bem a resolução inabalavel de quem o escreveu! *Fugir!* impossível á vista das providencias tomadas e que ainda se podem tomar de momento. A tentativa importa a morte ou a aggravação da pessima posição de que se queixam os presos. Era um recurso desesperadissimo, sem probabilidade de exito. Autes continuar a sofrer appellando para Deus, que consente, mas não para sempre. Foi em uma situação tão pungente que a illustre matrona, como os Girondinos na sua ultima cêia, faz o maior sacrificio d'alma para salvar os filhos, que se vão perder para sempre. Entrega o bilhete ao official da guarda, para que este vá leval-o immediatamente ao Governador, afim de ser evitada a imprudente fuga. Ao menos assim, reflectia ella, meos filhos não morrerão. *Bon espoir y git au fond...* E foi Deos servido que não só não morressem como que melhorassem de sorte.

Sampaio, ao ler o bilhete, escripto com sangue, longe de encolerisar-se, enternece-se; o que prova que não era propriamente um tyranno, como muitos o chamam, mas victima do cumprimento de um dever mal comprehendido.

Manda tambem immediatamente passar os presos para um quarto mais espaçoso e arejado, e permitte-lhes que tomem roupas, tanto para cobrirem o corpo como os grilhões, bem assim que façam a barba e cortem o cabello, que já tinham muito grandes. A comida é melhorada, e o tratamento mais humanizado até embarcarem para o Recife.

Como o Governador mostrou-se mais compassivo todos os mais mostraram-se ou fingiram mostrar-se tambem! *Cesaris ad exemplum totus componitur orbis.*

Na occasião do embarque, a concurrencia é immensa, levados uns por compaixão, outros por curiosidade.

D. Barbara é ainda a heroína da occasião.

Ia embarcar de *sáia e camisa!* Uma das suas escravas, das que estavam em deposito na Capital em virtude do sequestro official, cobre-lhe chorando os hombros nús com uma toalha de mãos! A senhora aben-

çoa-a com uma resignação e grandeza d'alma que a todos commovem.

Compreende-se d'aqui em que trajas foram embarcar os filhos, sempre mais maltratados do que a mãe, por causa do sexo.

Dessa vez, porem, ninguem vaiou os presos, antes quasi todas as pessoas presentes choraram, algumas copiosamente, pedindo em vozes altas aos Cêos que os protegessem e que bons ventos os levassem.

VI

Assim aconteceu felizmente, chegando o navio ao termo da viagem, em fins de Julho, sem maior novidade.

No Recife são recolhidos os presos ao calabouço da fortaleza das Cinco Pontas, onde se conservam até que se transferem para os carceres da Bahia.

E' quando Alencar sabe que já tinham sido executados no patibulo os patriotas Tenente Antonio José Henrique, Padre Pedro de Souza Tenorio, capitães Domingos Theotônio Jorge, José de Barros Lima — o *Leão Coroadado*, Coronel Amaro Gomes Coutinho, Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, Padre Antonio Pereira e os Tenentes Coroneis Silveira e José Peregrino de Carvalho, sendo este de vinte annos de idade apenas!

Na Bahia já tinham sido tambem executados o Padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima — o *Padre Roma*, Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e o proprio companheiro de excursão de Alencar — o *Padre Miguelinho* — Miguel Joaquim de Almeida e Castro!

O Padre João Ribeiro Pessoa, para não ter igual sorte, fez como Annibal — suicidou-se.

Que triste presentimento, que horrivel presagio para os presos cearenses, sobretudo para Alencar, vendo a desgraçada sorte que tinham tido algumas dessas victimas talvez menos compromettidas que elles!

Que esperança de salvação podem mais alimentar? Manifesto engano! Com a demora que tiveram no Ceará, poderam chegar a tempo de as paixões já estarem

mais arrefecidas e satisfeitas com o sangue derramado em jorro no cadafalso; e assim a sua sorte não correr mais tanto perigo.

E é ocasião de abrir, em defesa do Governador Sampaio, um simples parentese para fazer uma pergunta que até agora ninguém fez. O Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, Governador da Bahia, por sua propria autoridade, sem audiencia nem sciencia do rei, de quem estava muito mais proximo, nomeou incontinentemente a commissão militar que mandou ao patibulo aquellas victimas. Porque Sampaio não podia ter feito o mesmo no Ceará, sendo a causa a mesma, as mesmas as attribuições, enquanto que o crime do Crato estava provadissimo, ao passo que o da Bahia não era sinão, no momento, fundado em presumpções e conjecturas? Entretanto, porque um mandou matar com soffriguidão é louvado como grande politico e notavel estadista; mas porque o outro não o mandou em tempo algum, é accusado, e ainda hoje chamado tyranno!

E é assim o juizo humano, quando não é muito peor!

Eu continuo.

Com as execuções, que se deram no Recife, e subsequente arrefecimento das paixões, deixou de funcionar a commissão militar, sendo substituida por uma Alçada, vinda do Rio de Janeiro, composta de quatro membros, dous Desembargadores do Paço, e dous da Casa de Supplicação, todos elies portuguezes de nascimento. Era presidente o mais velho—Bernardo Teixeira Coutinho. (1)

Aberta a devassa, que estendia-se ás provincias visinhas, levou ella quasi um anno em procrastinação, tomando alguns depoimentos de testemunhas e ordenando mais algumas prisões.

(1) Era irmão do Padre Domingos da Motta Teixeira, vigario do Icó e senador do imperio *recusatorio*; porque, sendo escolhido senador pelo Ceará para a organização do senado, em 1826, recusou modestamente a cadeira, sendo eleito e escolhido em seu logar o Marquez de Lages.

Este procedimento moroso, emquanto feria somente os direitos dos presos que se consideravam innocentes, não mereceu o minimo reparo do Governador, que já era o general Luiz do Rego Barreto; mas assim não succedeu quando o Presidente da Alçada expediu ordem de prisão contra o brigadeiro José Peres Campello e José Carlos Marink, seus protegidos declarados. Seu orgulho e amor proprio offendidos se inflammaram com esse acto, de que só vieram a ganhar os infelizes.

Luiz do Rego, que tinha vindo governar Pernambuco com plenos poderes, tinha consciencia do seu valor real. O rei o presava, pois o promovera a brigadeiro por actos de bravura na ultima guerra da Peninsula contra a França. Alem disso era casado com uma filha do Marquez de Jundiahy, que passava no Rio de Janeiro por um dos principaes validos de D. João VI. (1)

Com taes antecedentes não podia decair da lucta que ia travar com a autoridade togada; e assim foi. Representou ao governo contra a continuação da Alçada por anti-politica e inconveniente aos interesses reaes da situação; pois ella ha um anno que funcionava e ainda não tinha julgado um só preso merecedor de punição, nem digno de soltura; pelo que não se responsabilisaria pela ordem publica si sua representação não fosse deferida.

Era uma especie de ultimatum, que não podia deixar de ser attendido.

Bernardo Teixeira teve ordem peremptoria, que cumpriu á risca, de fechar a devassa no estado em que estivesse, soltando os presos contra quem não houvessem provas, e mandando os demais para S. Salvador, séde da Relação, para lá serem por elle julgados definitivamente.

A' vista disto, os presos do Ceará, não tendo sido considerados innocentes, tiveram de seguir com outros e com a Alçada para a Bahia.

(1) O Marquez de Jundiahy, Joaquim José de Azevedo, tinha sido antes Visconde do Rio Secco; mas era tão rico de titulos e honras nobiliarchicas, quanto de fortuna. Vide Mello Moraes, *Chronica Geral do Brazil*, vol. 2.; pag. 118 e seguintes.

VII

A viagem, apesar de curta, foi peor do que esperavam, mas o tratamento na fortaleza, á que foram recolhidos na Bahia, muito melhor do que contavam.

A bordo, si não passaram pelas mesmas torturas, por que passaram os primeiros presos que para lá seguiram, foram todavia tratados com crueldade e vilania. Não levaram grossas correntes ao pescoço, como os outros, mas pesadas algemas nos pulsos e horriveis grilhões aos pés. Comida pessima, escassa e de proposito muito salgada, para provocar sède, que os miseros não podiam matar á falta d'agua; e, quando extremamente sequiosos, pediam-na com instancia, a marinagem atirava-lhes por cima agua suja de peixe e carne, por escarneo.

Na fortaleza, não, o tratamento foi outro. Já se tinham passado os máos tempos da tyrannia do Conde dos Arcos, que agora já está substituido pelo humanitario Marquez de S. João da Palma, D. Francisco de Assis Mascarenhas.

Aquella masmorra de outr'ora está agora miraculosamente transformada em Lycèu, onde os presos recebem lições regulares de linguas, mathematicas, philosophia, historia, direito e outras sciencias; o que bem mostra o bom tratamento que tinham e os recursos de que dispunham.

O Desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, que alli estava tambem preso pelo mesmo crime, foi o fundador, director e mestre desse centro especial de instrucção secundaria e superior.

« Alli, no logar do crime, diz o autor do Colombo, naquelles muros ennegrecidos pelo halito das blasphemias dos condemnados, por mãos conspurcadas de sangue, pelo roçar de corpos impuros; alli placido, resignado, Antonio Carlos abriu do seu cerebro os cofres do seu engenho, pousou em seus lábios o cirio de sua palavra luminosa, e instruiu seus socios de desgraça no estudo da historia e das sciencias sociaes e philosophicas. Ho-

mens até alli votados á servidão sahiram do carcere instruidos, purificados e capazes de se aperfeiçoarem nas sciencias e no magisterio. Este facto é tão sublime, tem rasgos tão gigantescos, eleva tão alto o carácter brasileiro, que occupará sem duvida a musa dos futuros engenhos e os princeis dos nossos vindouros artistas.» (1)

Alli foram compostas tambem bellas poezias, fizeram-se excellentes traducções e livros. Frei Joaquim do Amor Divino Caneca compoz uma grammatica portugueza, e Basilio Quaresma Torreão—a sua *Geographia Universal do Brasil*. (2)

Mas, si por este lado melhoraram de sorte os que escaparam do patibulo, por outro não se alterara a conducta da Alçada.

« A's onze horas do dia, que não era de festa, diz Muniz Tavares, na sua *Historia* citada, Pag. 233, vinha á cadeia o Presidente Bernardo Teixeira com o Desembargador José Caetano de Paiva, que lhe servia de escrivão; chamava á sua presença um dos presos e o interrogava miudamente sobre a revolução em geral, procurando saber com subterfugos qual fora o seu procedimento n'quella época, sem indicar-lhe jamais os artigos precisos da accusação, e nem o que contra elle haviam deposto as testemunhas, e quaes tinham sido estas. Consumia assim uma ou duas horas, e retirava-se. No dia seguinte o mesmo réo era de novo chamado para rectificar o que havia dito, não dando-se-lhe ulterior esclarecimento para a defesa. Entrava o quarto anno de prisão e os presos ignoravam ainda a decisão da sua sorte. »

Mas essa procrastinação, que á primeira vista parecia um mal para os presos, era promovida de proposito para o bem delles, como os factos em proximo futuro justi-

(1) Manoel de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo, *Discurso Funebre* sobre Antonio Carlos, na *Revista do Instituto Historico, Geographico e Brasileiro*, Vol. 11, Pag. 155 e seguinte.

(2) Foi publicada em Londres, em 1824. O autographo é de letra de Alencar.

ficaram. Que interesse podia ter o juiz em demorar tanto a solução do processo, somente para maltratar-os? Si fosse esta sua intenção, melhor fôra punil-os logo sentenciando-os com a pena que muitos mereciam. Pois, depois de tanto tempo, não achar ainda culpa em nenhum delles, que aliás tinham o bom tratamento que já vimos, é propriamente um mal que se lhes fazia propositalmente?

Mais tarde, quando todos foram soltos e restituídos sãos e salvos ás suas familias, provincias e direitos, Bernardo Teixeira, nas côrtes de Lisboa, onde era deputado pela Provincia do Minho, dizia a Antonio Carlos e a Alencar, tambem eleitos por suas Provincias nataes á Constituinte Portugueza: «Voscês davam-me todos os dias ao diabo; e no entanto o meu fito era procrastinar o processo, até que o tempo arrefesse as paixões, e um decreto de perdão mais amplo salvasse a muitos, minorando a pena de outros.» (1)

As cousas afinal ião ter um termo, que já a propria justiça humana queria, porque a divina impunha.

Jurada em Lisboa a Constituição Portugueza de 1820, que coração amante da liberdade não pulsaria de contente em todo o Brasil? Uma boa Constituição é infinitamente preferivel ao melhor despota, disse—o Lord Macaulay, aliás elogiando a ditadura de Olivier Cromwell: «We know that a good constitution is infinitely better than the best despot.» (2)

No dia 10 de Fevereiro de 1821 creou-se em S. Salvador uma Junta Provisoria do Governo da Bahia, a qual jurou tambem a Constituição; e não tendo o Marquez de S. João da Palma accetado, por escrupulos bem entendidos, a Presidencia dessa Junta, foi eleito em seu lugar o Desembargador Luiz Manoel de Moura Cabral, e Vice-Presidente Paulo José de Mello Azevedo e Brito.

(1) Vide Commendador Antonio Manoel de Mello, *Obras Politicas e Litterarias* de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Tom 1.º, Pag. 106, Nota N.

(2) *History of England*, Tom. 1.º, Pag. 152.

Melhoradas assim as condições de todos com esta nova ordem de cousas, todas as sympathias se voltaram abertamente para os presos, cuja causa, depois de tantos soffrimentos e expiações, de quatro annos de constantes agonias, era a causa da liberdade, que todos os brasileiros aspiravam.

A Relação de S. Salvador teve ordem para proceder como de direito, e no mez de Agosto. raiou para elles o sol da liberdade. A monstruosa devassa foi julgada nulla pelo Tribunal, e lavrada a ordem geral de soltura para os presos politicos somente.

Que satisfação, que alegria, que enthusiasmo n'aquelles corações por tanto tempo opprimidos ! Mas foi terna e commovente a despedida, quando cada um teve de tomar seo destino ; pois os que soffrem em commum pela mesma causa por fim já se amam como irmãos. Silvio Pellico refere com ternura, nas suas *Le Mie Prigioní*, a saudade que teve, quando sahio do carcere de Spielberg. de uma têa de aranha, unica testemunha dos seus soffrimentos ! quanto mais si o martyr tivesse de abraçar companheiros de infortunio, como os da Bahia, a quem tivesse de tratar por mestre, discipulo ou collega !

Mas, uma vez soltos e livres, que praser em respirarem o ar puro sob o Céu do meio dia, vendo e revendo as casas, os edificios, as ruas, as praças, os campos, caras amigas ou indifferentes, que seos olhos não viam ha tempos, sem mais serem espionados, acorrentados e torturados ! Tudo lhes é agora de uma novidade aprazivel e bella, que dá-lhe n'alma extasis de indizivel regosijo. Podiam muito bem exclamar com Shakespeare em caso semelhante—*Liberdade, tu és a minha felicidade suprema !*

Os presos do Ceará augmentaram com mais dous companheiros : a mulher de Tristão Gonçalves que, acompanhada pelo mano Coronel João Franklin de Lima, fizeza o sacrificio de ir do Crato compartilhar da sorte do afflicto esposo. (1)

(1) Muito soffreu alli esta respeitabissima matrona, alem das dôres communs. Teve bixigas, de que quasi morre, vindo a falloer

Para emprenderem por terra, como emprenderam, a longa viagem do regresso, era-lhes ainda preciso recobrar alento, tomar forças e fazer-se dos preparativos necessários, pois tudo lhes faltava na ocasião; por isto só puderam voltar em meados de Setembro.

Com o tempo tudo passa neste mundo; mas Alencar jamais esqueceu-se desse passado, que tinha ainda na melhor conta já quasi no ultimo quartel da vida. Ainda na sessão de 19 de Fevereiro de 1850 dizia elle no Senado

«Senhores, devo declarar que não quero justificar-me desse passado, mas não o renego.

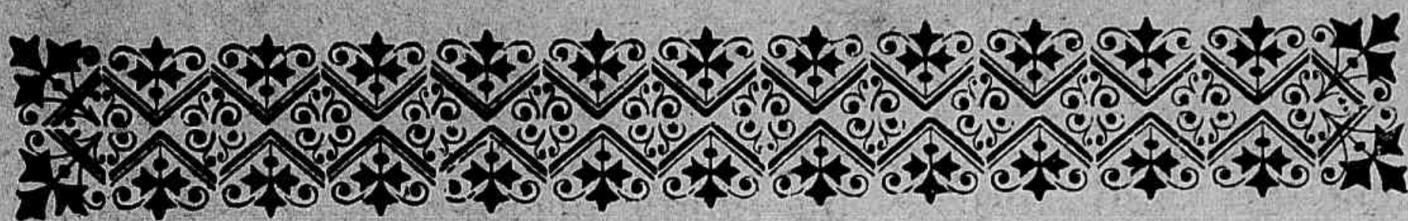
«Eu entrei na revolução de 1817 em Pernambuco, era então muito moço, quasi que nada mais fiz que seguir os ditames de meos mestres; não pretendo comtudo justificar-me de um crime, pelo qual morreram os homens mais virtuosos que tenho conhecido. Um João Ribeiro, um Miguel Joaquim, um José de Barros Lima, Domingos José Martins, Domingos Theotônio e outros nomes distinctos, que acabaram nessa gloriosa revolução, em que se lançaram os primeiros fundamentos da liberdade do nosso paiz, trazem á lembrança todas as virtudes sociaes e particulares; eu jamais me envergonharei de os ter acompanhado n'aquella revolução.»

(Continúa)

mais tarde, nesta capital, a 15 de Outubro de 1874, com 85 annos de idade, ainda no perfeito uso de todas as suas faculdades intellectuaes.

No granito de seu tumulo, no cemiterio de S. João Baptista, lê-se esta expressiva inscripção: — *Aqui jaz Anna Triste de Araripe; Viuva de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, Presidente do Ceará na Confederação do Equador em 1824. Nasceu em 1789 e Morreu em 1874. Dilexit Patriam et virtutem coluit.* —

Este tumulo venerando é respeitavel tributo do mais acrysolado amor filial do illustre patriota conselheiro Tristão de Alencar Araripe.



DESCRIÇÃO DO PORTO DE FORTALEZA

PELO

Capitão de Fragata Marques Giraldes

A villa da Fortaleza de N. S. da Assumpção, capital da capitania independente do Ceará Grande, está situada a 3.º 41.º de Lat. meridional e ao 30.º 31.º de Long. do meridiano de Lisboa, ou 3.º 32.º do meridiano do Rio de Janeiro: tem uma espaçosa enseada de mais de 2 leguas de L. a O. e meia legua de N. S., formada pela ponta do Mucuripe (ponta oriental), e pela ponta da barra do rio Ceará, na qual podem ancorar com segurança todos e quaesquer navios, por quanto a terra do fundo é pela maior parte areia fina ou areia e barro e não ha travessias, porém soprão os ventos constantemente do norte até o sueste.

Ha na referida enseada 3 recifes de pedras, o mais septentrional (que os pescadores chamão Pedra Velha) não descobre nas baixas marés porque o menor fundo é de 1 braça, está situado a N. O. do trapiche em distancia de 1413 braças, tem de extensão N. S., pouco mais ou menos, 100 braças, e outras tantas de extensão L. O., o segundo (que denomino occidental, ainda que o primeiro, esteja mais a Oeste) tem pouco mais ou menos 200 braças de extensão L. O. e 100 braças de extensão L. O. tambem não descobre nas baixas marés porque o menor fundo é de braça e meia, está situado ao N. O, em dis-

tancia de 326 braças da ponta occidental do 3.º recife que é o meridional e fórma não pequena caldeira, ao abrigo da qual podem fundear os navios que não demandarem mais de 20 pés inglezes (acabando-se de construir a caldeira e enthulhando-se uma pequena entrada da parte de leste) não haverá agitação alguma de mar na referida caldeira, pelo que alli poderão fabricar, carregar e descarregar os navios: fica portanto a enseada como dividida em duas pelos dous primeiros recifes, o de barlavento, ou Mucuripe, é desde a ponta oriental até a Pedra Velha, o de sotavento, ou Jacarecanga (em rasão de ficar muito proximo da praia a corrente do mesmo nome, que abunda em boa agua e que segundo a tradição da terra não secca ainda nas mais rigorosas seccas) é desde a Pedra Velha até a ponta occidental da grande enseada.

A enseada do Mucuripe tem pela mor parte bom fundo e limpo, e se podem fazer á vela os navios sem receio dos recifes de sotavento; nesta enseada é maior a agitação do mar do que na de sotavento, porque ficando inteiramente descoberta aos nordéstes e ás correntes, é agitada do nordéste para noroéste.

A enseada de Jacaré-canga é preferivel á de Mucuripe porque o seu fundo é todo limpo e porque, como fica a sotavento de outros recifes a toda hora podem as embarcações fundear e fazerem-se de véla, está mais abrigada do mar, porque este quebra por cima dos recifes, e, portanto, perde nelles parte de sua força; finalmente, os transportes para aquella enseada são muito mais promptos e commodos por serem para sotavento; a aguada é muito prompta e commoda pela proximidade da Jacaré-canga.

De qualquer destas duas enseadas ha uma barra espaçosa para a caldeira; querendo entrar pela barra de barlavento que tem mais de 300 braças de largura com a sonda de 3 e mais braças no meio e 3 nos extremos, dever-se-ha navegar do Mucuripe em direitura a barra do Ceará ou ao 4.º N. O. e logo que se enfiar o Palacio ou a igreja do Rosario pelo pau da bandeira do Forte se

navegará naquella direcção até a distancia pouco mais ou menos de 30 braças no extremo occidental do recife meridional, e d'alli em direitura á casa da Polvora, para que o corpo do navio fique no maior fundo; querendo entrar pela barra de sotavento, que tem mais de 400 braças de largura com o fundo de 4 braças no meio e 3 e $\frac{1}{2}$ e 3 nós....., navegar-se-ha de Mucuripe á barra do Ceará ao O. 4.º de N. O., e logo que se descobrir o Palacio para a direita da casa da Polvora em espaço tripulo de sua frente navegar-se-ha naquella direcção até por a pôpa nos Arpoadores e a prôa no trapiche e se entrará pela sonda de 4 braças até largar o ferro na direcção da casa da Polvora, para que o corpo do navio fique no maior fundo.

Se os navios demandarem muita agua será bom esperar a prea mar para entrarem e sahirem com maior segurança.

O estabelecimento do porto é as 5 horas e 25 minutos da tarde e as aguas costumão crescer 15 palmos nas marés equinociaes.

Villa do Forte do Ceará Grande, 14 de Novembro de 1810. *Francisco Antonio Marques Giraldes*, capitão de fragata da real Armada.





Extracto da Narrativa de Lord Cochrane,

CONDE DE DUNDONALD E MARQUEZ DO MARANHÃO,
NA PARTE RELATIVA AO CEARÁ (*)

Chegando a 18 (Outubro de 24) á vista do Ceará, mandei ao Presidente uma communicação para fazer-lhe saber a minha chegada com o fim de restabelecer a ordem, e promettendo a todas as pessoas desaffectedas que dentro de quinze dias tornassem á sua obediencia podere[m] voltar em paz a suas casas, sem de modo algum serem molestadas por causa de seus anteriores actos ou opiniões.

Veio á capitânia uma deputação dos habitantes pedindo-me que desembarcasse a maior força que podesse dispensar, mas como o General Lima se não tinha prestado a dar-me um destacamento militar, não estava em meu poder o satisfazel-os; porque sendo o fundeadouro perigoso, e a capitânia estando quasi a encalhar, não podia dispensar os marinheiros Inglezes, ao mesmo tempo que não havia que fiar na porção Portugueza das tripolações. Alem d'isto, marinhagem estrangeira não era adaptada para a guarnição de uma cidade.

Evadiu-se, pois, o pedido; mas assegurando ao Presidente que no caso de os insurgentes avançarem, dariamos auxilio effectivo; lembrando-lhe comtudo, que se devia tratar de induzir os habitantes a adoptar entre si medidas

(*) Traducção de A. R. Saraiva, pags. 182 a 186.

para sua própria defesa e para a preservação da tranquillidade, resultados que estavam perfeitamente a seu alcance, e que tornariam desnecessaria a presença de militares.

Desembarquei todavia um pequeno destacamento para o fim de certificar-me dos meios defensivos, como também na esperança de excitar as autoridades em terra a alguma pouca de actividade em sua própria causa. Em caso de ataque, prometti desembarcar para auxiliar-os quanta gente pudesse despensar; dando ao mesmo tempo licença de se acolherem ás embarcações em caso de occurrencia repentina, que não admittisse communicarem comigo previamente.

Este offerecimento produziu o melhor effeito na cidade, inspirando confiança aos bem-dispostos, ao passo que os descontentes ignorando até que ponto eu podia dar ajuda, entenderam que era melhor conservar-se quietos. No seguinte dia, voltaram os habitantes á obediencia, erguendo o Presidente a bandeira Imperial nas muralhas por suas próprias mãos, entre todas as demonstrações de satisfação geral.

Fiz depois que se officiasse a todas as partes da provincia annunciando o regresso da cidade á sua obediencia, promettendo esquecimento do passado a todos os que lhe seguissem o exemplo, e succedeu a isto geral reconhecimento da autoridade Imperial. Mandaram-se agentes confidenciaes, munidos de communicações semelhantes, ás forças revolucionarias capitaneadas por Bizarro, (*) o rebelde General-das Armas, cujas tropas o abandonaram todas; no emtanto que, por agencias semelhantes, o corpo sob o commando immediato do Presidente revolucionario, Araripe, foi reduzido a cem homens—até os Indios, sem excepção, abandonando seu estandarte.

Como um dos primeiros passos para a pacificação da provincia, tinha eu publicado não só geral amnistia, mas amnistia particular também, offerecendo aos chefes insur-

(*) Refere-se a Antonio Bezerra de Souza Menezes.

gentes mesmos especial perdão, do qual, em amnistia geral ordinaria, poderiam elles julgar-se aliás excluidos. Tinha eu, em meu proprio animo, determinado isto como sendo a maneira geral que se devia seguir, pois não podia deixar de ver que, no começo da revolta insurgentes e chefes tinham boa causa para estarem descontentes com o Governo Central no Rio de Janeiro. Havia mesmo dirigido uma carta ao presidente revolucionario, pessoalmente, Araripe, remonstrando-lhe sobre a loucura da carreira que estava proseguindo, e promettendo-lhe a minha protecção para *elle proprio*, assim como para os outros chefes revolucionarios se tornassem á sua obediencia. Elle preferiu retirar-se para o interior, com os descontentes que o quizeram seguir, tencionando, sem duvida, esperar até que a força naval se ausentasse. Prevendo o perigo d'isto, expedi uma proclamação, onde offerecia a quem o apprehendesse, recompensa sufficiente para induzir os Indios que antes haviam sido seus sustentadores a partir em busca d'elle, resultando em vir a ser morto, e todos seus sequazes apprehendidos. Os chefes Indianos, assim como a gente que d'elles dependia, foram de grande prestimo na restauração da ordem, combinando robustez corporal superior com actividade, energia, docilidade e força de aturar que nunca falhava—formando com effeito os melhores padrões da raça nativa que eu vira na America do Sul.

Antes d'isto eu tinha conseguido, sem grande trabalho, restituir a tranquillidade á provincia da Parahyba, que havia tambem sido perturbada pelos mandados de Araripe; cumprindo os habitantes as suas ordens, pelo perigo immediato a que os expunha a violencia do homem, e na persuasão de que o Rio de Janeiro estava demasiado longe para soccorrel-os. O seu prazer ao verem chegar uma esquadra foi, portanto, immediatamente seguido por deixarem o chefe insurgente e voltarem a inteira obediencia.

O de que tratei proximamente foi organizar uma força effectiva no Ceará, e fez-se isto encorporando assim de mil homens, bem que não tivessemos um soldado

só na esquadra. Formaram-se também varios corpos nas villas e aldêas da provincia, e foram activos em perseguir os restos dispersos do exercito republicano.

Tendo-me assegurado assim da complecta restauração da ordem na capital e na provincia do Ceará, e dirigido aos habitantes uma proclamação mostrando-lhes a loucura de se deixarem desvairar por pessoas astuciosas, que não podiam ter exacto conhecimento dos assumptos que davam fundamento ás queixas contra o Governo Imperial, largamos em 4 de Novembro para o Maranhão, provincia que encontramos n'um estado de anarchia maior ainda do que havia prevalecido no Ceará.





EPHEMERIDES (*)

CEARÁ REPUBLICANO

1891

6 DE ABRIL—Presta juramento perante a Intendencia Municipal e assume a administração o 1.º vice-governador Tenente Coronel Feliciano Benjamin.

7 DE ABRIL—E' addiada para 13 a reunião do Congresso Cearense.

14 DE ABRIL—Publica-se em Fortaleza *O Norte*, diario da tarde, sob a redacção de Martinho Rodrigues, Justiniano de Serpa e Gonçalo de Lagos. A 6 de Maio Justiniano de Serpa deixou a redacção por se haver declarado no dia anterior em opposição ao governo do Barão de Lucena e general José Clarindo.

28 DE ABRIL—Perante a Intendencia Municipal toma posse do cargo de governador do Estado o General José Clarindo de Queiroz, nomeado por Decreto de 4 e chegado naquelle dia do Rio de Janeiro.

28 DE ABRIL—Assume o exercicio do cargo do chefe de Policia o Dr. Pedro de Queiroz.

1 DE MAIO—Publica-se a «Revista 1º de Maio.» Redactores Thiago Ribas, Ayres de Miranda, Eugenio Brandão, Oscar Feital, Rodolpho Brigido e Xavier de Oliveira, alumnos da Escola Militar do Ceará.

(*) Vide *Revista* 3.º e 4.º trim. 1897 pag. 236.

5 DE MAIO—Entra o 1º trem no desvio da Estação do Junco no kil. 66 do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité.

6 DE MAIO—A' 1 hora da tarde tem logar a instalação solemne do primeiro Congresso Cearense com a seguinte MENSAGEM *Apresentada ao primeiro Congresso Cearense pelo Ex.^{mo} Sr. General de Divisão José Clarindo de Queiroz*—*Senhores Membros do Congresso Constituinte*—Venho collocar sob vossa guarda os destinos do Ceará. Cearense, amantissimo desta terra que me foi berço e a meus antepassados, julgo-me supremamente feliz de, no cumprimento de meu dever, estar convosco ao iniciardes o estudo da lei basilar de nosso Ceará.

Instado para vir administral-o no melindroso momento de sua organização definitiva, não pude esquivar-me á acceitação do honroso e pesado encargo.

As luctas da vida não me endureceram o coração, e, antes de tudo, sou brasileiro e cearense.

Si falta-me competencia para bem governar, está proeminente minha bôa vontade de bem servir á terra dilecta de Martim Soares, fadada aos mais altos destinos e a exigir o concurso de todos seus filhos.

Ausente, eu acompanhava com particular interesse o progredir do Ceará, sempre na dianteira de todos os commettimentos notaveis. De longe, seguia com carinho sua desenvolução, notava com desvanecimento sua rapida marcha na trajectoria da civilisação brasileira. E orgulhava-me de ter visto a luz primeira sob o azulado céu desta pequena, mas formosissima circumscripção, que se põe em relêvo por seu alto valôr moral entre suas irmans.

A vosso elevado criterio venho submeter, para servir de base a vosso estudo e deliberação, o projecto de constituição formulado por meu illustre antecessor, o benemerito coronel Luiz Antonio Ferraz, de saudosa memoria.

A sobra de bôa vontade de estudal-o, para procurar facilitar vosso trabalho, apreseando o advento do regimen da legalidade, foi enfrentada e vencida pela absoluta falta de tempo.

Intermeiaram-se apenas oito dias de minha posse a este solemne momento.

Tentei, á ultima hora, os meios de prestar-vos auxilio, dentro das raias de minha competencia, mas não o consegui, ainda por falta de tempo.

Apresento-vos o projecto.

Na dilatada latitude de vossos poderes de Congresso Constituinte, como sabeis, podeis modificá-lo, refazê-lo, substituí-lo mesmo.

Carece, não ha duvida, de sérias modificações para harmonizar-se com a Constituição Federal em seus grandes lineamentos.

A unidade do poder legislativo é de doutrina condemnada e desprezada por suas consequencias perigosas, sob todos os pontos de vista, em uma organização politica regular.

A historia nos aponta como preferivel o systema bicamarista, garantidor das liberdades individuaes e politicas, e como medida de alta prudencia.

E' a theoria, que prevaleceu nos projectos para quasi todas as Constituintes dos estados irmãos, que ora funcionam.

E' do projecto o periodo de quatro annos para o mandato legislativo. Poderá ser diminuido para tres, duração da legislatura federal, e é a verdadeira doutrina republicana — a renovação do mandato em praso curto, para caminharem sempre de accordo povo e seus delegados.

E' excessivo, creio, o exercicio de cinco annos do chefe do poder executivo — governador ou presidente do Estado. Em quatro annos, praso do exercicio do presidente da Republica, ha tempo sufficiente para levar a effeito um plano politico e fazer grandes beneficios ao Estado.

Peço vossa attenção em especial para a constituição do poder judiciario.

Sabeil-o, melhor do que eu, « velar pelo direito é a funcção vital do Estado. » Pois bem, uma magistratura bem organizada é a segura garantia de todos os direitos — a encarregada de velar pela liberdade, honra, vida e propriedade do cidadão.

A organização judiciaria, disse eminente publicista inglez, é a parte capital da constituição politica.

Porque não manter a *sympathica* instituição dos juizes de paz, « *sem outra equal na christandade quando bem comprehendida?* »

O juiz electivo, de districto, está á porta do cidadão, exerce a justiça com mais economia de tempo e de dinheiro. Para só citar um caso, o casamento celebrado perante o juiz de municipio torna-se difficil, dispendiosissimo em termos de extenso perimetro.

A autonomia municipal é o largo e fundo alicerce da democracia.

O municipio é a primeira cellula do organismo social e sem uma bôa e conveniente organização o povo continuará a ver cortados cerce seus direitos, e a condemnada centralisação atrophiará todos os incitamentos de progresso.

São, presumo, pontos capitaes. Ha outros de menos importancia que pedem revisão.

O Ceará carece alojar-se nos amplos moldes de uma lei genuinamente democratica, eminentemente liberal.

A republica está feita, é facto consummado. Precisa, porém, ser esteiada em columnas fortissimas, na obediencia á lei, no respeito á justiça, na bem entendida parcimonia na applicação dos recursos do thesouro publico, na moralidade administrativa e particular, em summa—no culto da Patria.

Deve ser vossa mais nobre ambição e especial preocupação fazer rumo para a felicidade do povo através d'aquelle caminho rectilíneo, limpo, largo, ventilado pelas auras do bem e do devotamento á causa publica.

Fareis, estou certo, uma lei ao nivel das tradições gloriosissimas do Ceará, que aprendendo a lição da asperissima disciplina da adversidade, da eschola do soffrimento, reuniu aqui elementos sãos e fortes que levassem a encaminhar-se impavido e altivo na lucta, que traçou e impoz a sua posição.

E' enorme vossa responsabilidade. Desempenhai-vos della com correcção e tereis burilado vossos nomes no

bronze imperecedouro da gratidão popular. Comvosco estarão os manes dos heróes da liberdade, e, nas festas das gerações por vir sereis lembrados com amor e veneração.

Identificai-vos com os legitimos interesses do Estado. visai primariamente a sua prosperidade e tereis feito vosso difficilimo dever no alargamento das liberdades conquistadas.

Sois portadores de muito patriotismo e muito saber. Em vossa competencia soberana corporificai-os em um monumento a vós e ao Estado—a «Constituição do Ceará».

Com extrema confiança o povo está todo voltado para vós, invoca vosso apurado civismo e aguarda sua lei fundamental.

Para terminar.

No curtissimo periodo de meu governo não pude habilitar-me a dar-vos conta dos actos praticados no cyclo revolucionario de 16 de Novembro de 1889 até o presente. Não vim a tempo de preparar relatorio dos diversos ramos de serviços publicos necessario a vossas discussões. Mas ministrar-vos-ei, dentro da possivel brevidade, quaesquer esclarecimentos ou informações de que, no decurso de vossas deliberações, tenhaes necessidade.

Podeis contar com minha franca, leal e inteira coadjuvação. SAUDO-VOS—Fortaleza, em 6 de Maio de 1891—O General de Divisão—*José Clarindo de Queiroz*.

7 DE MAIO—O Congresso Constituinte Cearense, estando presentes 23 deputados, elege governador e vice-governador do Estado o General José Clarindo de Queiroz e major Benjamin Liberato Barroso, os quaes no mesmo dia prestaram juramento. Aberta a sessão, lida e approvada a acta anterior, passou-se á eleição da mesa.

Foram eleitos : Presidente—Desembargador José Joaquim Domingues Carneiro, com 22 votos.

1.º Vice-presidente—Doutor Joaquim Pauleta Bastos de Oliveira, com 22 votos.

2.º Vice-presidente—Francisco Ignacio de Queiroz, com 12 votos.

1.º Secretario—Padre Luiz de Souza Leitão, com 13 votos.

2.º Secretario—Coronel Celso Ferreira Lima Verde, com 12 votos.

Supplentes:—Bacharel Antonio Monteiro do Nascimento Filho, com 15 votos; e bacharel Moysés Corrêa do Amaral, com 10 votos.

Commissão para rever a Constituição: Dr. Pauleta 22 votos; Sabino do Monte, 21 votos; Oliveira Sobrinho, 12 votos; Celso, 12 votos; Abel Garcia, 12 votos.

Em seguida o deputado Abel Garcia apresentou uma moção pedindo que se fizesse a escolha do Governador do Estado, que sendo submettida á votação foi approvada.

Procedeu-se a eleição de governador e foram votados: General José Clarindo de Queiroz, eleito, com 22 votos; e Major Liberato Barroso, 1 voto.

¶ O Sr. Celso justificou e mandou a mesa um requerimento pedindo o adiamento da eleição de vice-governador e que se officiasse ao governador nomeado para fazer a promessa do estylo e tomar posse.

Falaram sobre o assumpto os Srs. W. Cavalcante V. Cezario, Marinho de Andrade, Oliveira Sobrinho e Padre Leitão.

Posto a votos o requerimento do Sr. Celso foi approvada a primeira parte e regeitada a segunda, por votação nominal, que pedia o adiamento.

Votaram a seu favor os Srs. Padre Rocha, Solon, Celso, Oliveira Sobrinho, V. Cezario, Gomes de Mattos, Mamede e Coutinho.

¶ Procedida a eleição para vice-governador, votaram no Major Benjamin Liberato Barroso os Srs: Domingues Carneiro, Agapito dos Santos, Paulêta, Benevolo, Sabino do Monte, Abel Garcia, Cunegundes, W. Moreira, Pompilio Cruz, Oliveira Sobrinho, Marinho, W. Cavalcanti, Nascimento Filho e Francisco Ignacio.

Votaram tambem para vice-governador, no cidadão

Martinho Rodrigues de Souza, os Srs.: Padre Leitão, Celso, V. Cezario, Solon Pinheiro, Moysés Amaral, Gomes de Mattos, Catão Mamede, Coutinho e Padre Rocha.

Em seguida a mesa officiou ao governador eleito para faser a promessa do estylo.

O Sr. Abel Garcia apresentou um requerimento, pedindo para que fosse chamado tambem para o mesmo fim o vice-governador eleito. Foi approvedo.

Levantou-se a sessão por uma hora, até ás 4 da tarde, quando apresentaram-se o governador José Clarindo de Queiroz e vice-governador major Benjamin Liberato Barroso.

E' este o respectivo Edital:

A Mesa do Congresso Constituinte Cearense, em nome do mesmo, faz publico para conhecimento de todos os cidadãos do Estado do Ceará, que, em sessão de hoje, foram eleitos o General José Clarindo de Queiróz, Governador d'este Estado e o Major Benjamin Liberato Barroso, vice-Governador; os quaes, ás quatro horas da tarde, perante o mesmo Congresso, fizeram a promessa civica do bem cumprir os seus deveres.

Sala das sessões do Congresso Constituinte Cearense, em 7 de Maio de 1891. José Joaquim Domingues Carneiro, presidente; Padre Luiz de Souza Leitão, 1.º secretario; Celso Ferreira Lima Verde, 2.º secretario.

12 DE MAIO—A's 8 horas da manhã desse dia inauguram-se os trabalhos da Companhia de Melhoramentos do Ceará sob a chefia do Engenheiro Joaquim Francisco de Paula.

17 DE MAIO—Publica-se em Fortaleza o *Bacalhão*, jornalzinho critico.

24 DE MAIO — Miguel Teixeira, Bemvindo Alves, Heraclito Domingues, Raymundo Cabral, Januario Fernandes e Cesar Silva fundam em Fortaleza a *Phenix Caixeiral*.

15 DE JUNHO—Publica-se em Fortaleza o jornal *Athleta*, sob a redacção de José Tobias Coelho, A. Freitas e José Horacio Coelho da Frota.

Passou a ser organ da *Phenix Caixeiral* e tomou esse nome.

24 DE JUNHO—Installa-se em Fortaleza a «Sociedade Phenix Caixeiral». Tem sido seus presidentes Antonio Alves Brazil (1891 e 1892) em cujo tempo installaram-se aulas e creou-se o jornal *Athleta*, Pedro Muniz (1893) Francisco Barros Telles (1894), João Salgado (1895 e 1896), José Rodrigues de Carvalho (1897) e o actual Francisco Barros Telles.

14 DE JULHO—Fallece no Rio de Janeiro, onde fixara residencia desde 1885, victimado por um aneurysma da aorta o Dr. José Pompeu de Albuquerque Cavalcante.

Filho de José Cavalcante e D.^a Josepha Maria Cavalcante, nasceu a 10 de Abril de 1839 e dedicando-se a engenharia militar formou-se em 1865 seguindo logo em commissão para a provincia do Piauhy.

Deixando a carreira militar, na qual attingiu o posto de Capitão, voltou ao Ceará a cujo progresso material e intellectual desde então entregou-se com amor.

Foi vereador e presidente da camara municipal de Fortaleza, engenheiro da Provincia, deputado e presidente da assembléa provincial e deputado geral em 3 legislaturas e no Rio de Janeiro fiscal da Empreza de viação central e intendente da Camara Municipal da Capital Federal.

Illuminou por muito tempo com seus escriptos as paginas do *Cearense*, organ liberal da Provincia e escreveu a obra *O Ceará em 1887 Chorographia da Provincia*.

10 DE SETEMBRO—Inaugura-se em Fortaleza a Empreza Telephonica do Ceará, concedida aos negociantes Pamplona Irmão e C.^a por acto da Intendencia Municipal de 8 de Outubro de 1890 e confirmada por um Dec. do Governo Federal em Janeiro de 1891.

Tendo-se installado com 60 aparelhos de assignaturas mensaes de 10\$000 pagos em virtude do Regulamento approved em Agosto, em 10 de Novembro já contava a Empreza 120 telephones assentados e funcionando.

Seu material foi e continua a ser importado directamente pelos empresarios, que são neste Estado os unicos agentes da *Western Electric Company* de *New-York*—que desde o inicio da empreza fornece-lhe os materiaes precizos.

A empreza foi contituida sob a direcção exclusiva do socio Confucio Pamplona.

Sua Estação está situada na Praça do Ferreira tendo sido construida especialmente para o seu fim por uma planta do Engenheiro Adolpho Herbster e direcção do socio Confucio.

Tem um observatorio com uma elevação de 93 pés sobre o solo da Praça do Ferreira—tornando-a, assim, hoje o ponto mais elevado da capital, d'onde com facilidade se observa todo seu perimetro, e discortina-se uma esplendida vista desde a Villa Velha até o morro do Pharol de Mocuripe.

Na dita Estação funccionam o escriptorio, as officinas, e o almoxarifado da empreza.

20 DE SETEMBRO—Benção solemne da nova Matriz da parochia de N. S. das Mercês da villa de Itapipoca, antiga Imperatriz, sendo vigario o Rvd.^{mo} Antero José de Lima.

18 DE OUTUBRO—Funda-se em Lavras uma Conferencia de S. Vicente de Paulo sob a invocação de S. Vicente Ferrer, tendo por presidente Antonio de Oliveira Banhos. Foi aggregada a 23 de Outubro de 1893.

15 DE NOVEMBRO—Publica-se em Fortaleza o jornal *Silva Jardim*.

8 DE DEZEMBRO—Fundam-se em Canindé e Giquy conferencias de S. Vicente de Paulo sob a presidencia de José Casemiro R. Campos e João Baptista do Amaral.

A do Jiqui, que teve a invocação de N. Senhora da Conceição, foi aggregada a 28 de Dezembro de 1893.

13 DE DEZEMBRO—Publica-se no Crato O *Artista*, organo do partido operario.

População do Ceará—Segundo o recenseamento procedido no Estado a 31 de Dezembro de 1891, foi esta a população das 18 comarcas em que se achava elle dividido :

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Aracaty	26:015	28:708	54:723
Assaré	13:548	13:342	26:890
Baturité	40:225	41:681	81:906
Crato	23:305	25:214	48:519
Cratheús	13:701	14:466	28:167
Cascavel	16:866	18:034	34:900
Fortaleza	21:780	26:227	48:007
Granja	27:389	27:957	55:346
Itapipoca	24:061	24:741	48:802
Inhamuns	5:036	5:216	10:252
Iguatú	18:533	18:862	37:395
Icó	16:481	17:619	34:100
J. mirim	8:850	9:306	18:156
Jardim	15:446	16:249	31:695
Maranguape	26:416	28:447	54:863
Quixeramobim	20:150	20:659	40:809
Sobral	24:273	25:247	49:520
Viçosa	30:196	30:101	60:297
	<u>372:271</u>	<u>392:076</u>	<u>764:347</u>

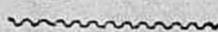
Em todo o Estado só foram arrolados 84 estrangeiros.





VARIEDADES

Sobre assumptos Cearenses



Maniçoba do Ceará

A proposito do pedido de sementes de maniçoba, feito pelo governador do Estado de S. Paulo ao do Ceará, parece-nos interessante mostrar, mais uma vez, a pouca attenção que estes assumptos de importancia vital para o paiz têm merecido dos poderes publicos e da iniciativa particular.

Só depois de um artigo do «Jornal do Commercio», do Rio, foi feito este pedido. O artigo sahi n'um dos dias de dezembro ultimo.

Soube-se aqui, só então, que a maniçoba constituia uma riqueza.

Isto acontecia em S. Paulo, n'um dos Estados mais adiantados da União.

Em 1895 o governo francez mandava fazer um viveiro para cultura da arvore da «borracha do Ceará» «(Manihot Glaziowi)» em Sédhiou, na sua colonia do Senegal.

No relatorio do anno de 1897, lido pelo sr. Claudié, governador geral da Africa occidental franceza, por occasião da abertura do conselho geral da colonia, falla-se desse viveiro nesses termos:

«Mais de mil pés (maniçoba) attingiram de 3 a 6 metros de altura e dão sementes que servirão para a diffu-

são e propagação da preciosa arvore em todos os nucleos agricolas da alta e da baixa Casamance. »

Daqui a dois annos e meios para trez anno S. Paulo, no Brazil, poderá, com muito trabalho, estar na cultura da maniçoba do Ceará, no Brazil, nas condições em que se acha actualmente a colonia franceza do Senegal!

(Estado de S. Paulo.)

Seringaes em Quixadá

Na Serra Azul d'esse termo descobriu-se longos e ricos seringaes, não inferiores aos do Amazonas, quer no tamanho das madeiras, quer na qualidade do producto.

Cerca de 20 homens ali estão em suas barracas, nos fundos das mattas, e na embocadura de suas estradas a cortar borracha, admirados todos de tamanha ventura, não esperada.

Entre elles ha praticos, nossos patricios, que andavam n'esse serviço pelo Amazonas, e por isso habilitados para ajuisarem a respeito das vantagens e valor da nossa nova e rica industria extractiva, que elles cobrem de elogios.

Grandes e bonitas pelles de borracha já descansão ali na barraca do nosso seringueiro, attestando a riqueza do solo e a excellencia do producto.

Preparão-se estradas para muito maior pessoal.

Entretanto só agora, depois de tanto tempo, é que sabemos da grande fortuna ao pé da casa!

(Ceará, de Fortaleza.)

Mucunã

Nas grandes seccas, que periodicamente affligem a provincia do Ceará, as populações famintas pagam horroroso tributo á morte alimentando-se com as raizes e

somentes do uma planta vivaz denominada *Mucunã*, que lança raizes numerosas e vegeta por toda parte, desde a costa até o alto sertão. Do mesmo modo que acontece á mandioca (*Jatropha manihot. L*) contem a *Mucunã* violentissimo principio toxico, que dolorosa experiencia ensinou a eliminar ou a enfraquecer por meio de lavagens repetidas da fecula. No entanto, ou porque taes lavagens não constituam efficaz vehiculo eliminador, ou porque a agua, saturada de saes de cal, ferro, soda, potassa e alumina, não se preste a eliminar inteiramente a terrivel substancia toxica, o uso da *Mucunã* acarreta em todas aquellas penosas quadras a perda de numerosas vidas. Os mesmos infelizes que, urgidos de fome, recorrem a semelhante alimentação, fazem-no com a certeza do sacrificio a que se votam.

Inteirado d'este tristissimo facto, o Sr. ministro da agricultura deu-se pressa a incumbir o Dr. W. Micheler do estudo da planta por todos os seus aspectos, devendo o eminente professor ter sobretudo em attenção os effeitos toxicos e o meio de neutralisal-os. Para que as necessarias experiencias possam realisar-se na escala conveniente, acaba o mesmo ministerio de fazer chagar ás mãos do Dr. Micheler porção das raizes e vagens da *Mucunã*.

Taes experiencias e estudos são de sua natureza vagarosos, pacientes. Possam elles, porém, chegar a bom resultado, e o trabalho achará a melhor compensação no beneficio que terá a humanidade.

(Gazeta da Bahia.)

Mucunã glabra

Foi esta a denominação dada ou proposta pelo Sr. Rodolpho Theophilo, do Ceará, a uma leguminosa do genero *Mucunã*, que, a seu ver, constitue variedade distincta das classificadas pela sciencia. e com a qual, nas grandes seccas, que devastam aquella provincia, se alimentam os famintos, na falta absoluta de outros meios de nutricção, comendo as feculas das raizes e as sementes depois de

lavagens, mais ou menos repetidas, destinadas á eliminação ou atenuação do principio toxico que a planta encerra. Esta alimentação selvagem, a que obriga dolorosa necessidade, causa envenenamento lento que, depois de produzir diversas perturbações, determina fatalmente a morte no fim de algum tempo. O Snr. Rodolpho Theophilo estudou durante a secca de 1877 a 1878 este tristissimo facto, para o qual invocou a attenção dos homens da sciencia, assegurando haver instituido investigações para achar meio de eliminar aquelle principio toxico, qual se dá com a mandioca (*Jatropha manihot, L*), que, contendo activo veneno no acido hydrocyanico, entra todos os dias na alimentação do Brazil, mediante singelo processo eliminador daquella substancia lethal.

D'isto inteirado, deu-se pressa o ministerio da agricultura a confiar ao Dr. W. Micheler, director do laboratorio de chimica industrial na Escola Polytechnica, o exame da materia, não só para o fim de determinar a natureza do principio toxico mas para investigar o meio de o neutralizar ou eliminar. O eminente chimico, após pesquisas que lhe encheram mezes de applicação, chegou a conclusões definitivas que resumiremos.

A fécula da Mucunã, qual é preparada pelos Cearenses famintos, não é inferior, quanto as porporções de amido, ás féculas communs, mas encerra quantidade notavel de um acido tannico, *inteiramente novo na sciencia*, o qual se acha ligado a uma materia corante vermelha pertencente á classe dos phlopaphenos, que tinga a fécula.

Ambos estes corpos (acido tannico e materia corante) adherem tenazmente ao amido e não podem ser eliminados per simples lavagem. Tem elles a propriedade de curtir a pelle animal e occasionam desordens no aparelho digestivo em virtude da sua acção sobre a mucosa gastro-intestinal. Esta circumstancia, junta ao facto de não conter a fécula materias albuminoides e gordurosas, torna semelhante producto incapaz de manter a vida, se usando exclusivamente (como acontece aos famintos do Ceará) e explica os graves desarranjos, que produz no organismo.

Mesmo no estado bruto, porém, póde a fécula ser

empregada industrialmente para fabricação de álcool, glicose, etc. Sua purificação póde ser feita pelo permanganato de potassio, pelo gaz sulfuroso ou pelo hypochlorito de calcio. O primeiro destes processos, que é o mais caro, dá uma fécula muito alva e o ultimo é o mais barato. Mediante qualquer destes processos o acido tannico é totalmente eliminado e a materia corante reduzida ao minimo.

As bellas sementes da Mucunã podem tambem ser purificadas mediante processo que o professor W. Michler descreve minuciosamente no seu relatorio do mesmo modo que aquelles. O relatorio é acompanhado de cinco amostras: uma de fécula bruta e quatro do fécula purificada pelos processos descriptos. Juntou tambem o professor uma amostra de couro de boi, patentendo a acção do acido tannico e do phlopapheno da Mucunã.

(*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro.)

O gado caracú

Escreveu ao *Jornal do Commercio*, Rio, o Sr. Dr. Theodoro Sampaio, engenheiro sanitario de S. Paulo:

A leitura do bello trabalho do Dr. Firmino Rodrigues Silva Junior, ácerca do gado *Caracú*, no *Jornal* de 25 do corrente, me suggere as seguintes observações, relativas á origem ou procedencia do nome dada a essa variedade do gado bovino, que tão eminentes qualidades revela nos claros e ridentes geraes do Estado de Minas como nos campos do sul, de S. Paulo ao Rio Grande.

Parece-me não ser preciso viajar á Asia, percorrer as costas da India para descobrir, como o Dr. Firmino pretende, na corruptela do nome *Calecut* a origem do nome *Caracú*. O problema parece-me, se me não engano, muito mais facil.

No Ceará, terra votada á criação do gado, desde os primeiros annos da sua conquista pelos Portuguezes aos valentes Potyguaras, está a região que, com toda a pro-

babilidade, servia de *habitat* a essa especie bovina que tres seculos de adaptação tornárão excellente.

Quem conhece a historia da conquista das costas do norte do Brazil, no seculo XVII e a invasão hollandeza nessa parte do paiz, convirá com o Dr. Joaquim Carlos Travassos que, com a introduccção de algumas raças de procedencia flamengã, que se cruzárão com as introduzidas pelos portuguezes e hespanhóes, já estão acclimadas, veio o excellente producto que recebeu o nome de *Caracú*, nome que, aliás, o mesmo Travassos não sabe como explicar.

Entretanto, a explicação não se me afigura, como disse, tão difficil.

Logo que os portuguezes expulsárão os francezes da ilha do Maranhão, em 1616, as costas do norte, desde o rio Jaguaribe até o Parnahyba, se forão povoando e recebendo importantes e numerosas fazendas de criação ao longo da unica estrada então existente, a qual, sahindo dos ultimos estabelecimentos agricolas do Rio Grande do Norte, tomava pelo littoral até attingir o porto de *Jericoacoára*, no Ceará.

Neste porto se deixava então a travessia por terra e se ganhava por mar a sobredita ilha do Maranhão.

Jericoacoára tornou-se por isso um ponto importante para as communicções com o extremo norte, cuja conquista pelos portuguezes então se iniciava.

E' junto de *Jericoacoára* que vem ter ao mar a ribeira de *Acaracú*, como escreveu o autor da *Geographia Brasilica*, padre Manoel Ayres do Casal, ribeira cujas pastagens desde esses remotos tempos se tornárão famosas pelo excellente e numerosissimo gado que nellas se criava.

A actual cidade de Sobral, assentada á margem dessa ribeira, cujas ultimas cabeceiras estão ao sul da Serra de Ibiapaba, se chamou outr'ora *Caracú*, (*) centro que foi famosissimo na industria pecuaria.

Do Ceará, cujos sertões cedo se povoárão de gado bovino, sahia então supprimento não só para o Piauhy,

(*) Sobral chamou-se *Caçara* e não *Caracú*.

Maranhão e Pará, capitánias então novamente creadas, como para as mais capitánias que pelo interior das terras se visinhavão. A Bahia, Pernambuco, Parahyba, Goyaz e Minas Geraes pelo valle de S. Francisco recebem mandadas de gado cearense, que depois de estacionarem nas catingas de *Quixeramobim*, por occasião das feiras, seguirão pelo *Quixelô* e pelo Crato a transporem a Serra do Araripe, ganhando o valle de S. Francisco para dalli se repartirem pelas ditas capitánias.

Cedo grangearão fama os productos da industria pastoril do Ceará; e mui provavel é que a longa adaptação nas varzeas do Ceará de um producto cruzado do gado flamengo, producto capaz de resistir ás periodicas e aturadas seccas destas paragens, fosse o principio dessa excellente variedade, cujo nome nos campos do sul lembra ainda a terra de origem.

O nome *Caracú* é, de facto, uma corruptela, não do nome daquela cidade indiana tão celebre na epopéa dos *Lusiadas*, mas do vocabulo tupi *Acarahú* de que a ultima particula fortemente aspirada, como a pronunciava o genio potyguara, se corrompeu em labios portuguezes transformando *Acarahú* em *Acaracú*, depois ainda pelo vulgo ignaro em *Caracú*.

Se me não falha a memoria, já no Ceará houve intervenção official restaurando a verdadeira graphia e prosodia do vocabulo tupi que, no vernaculo, quer dizer, *rio dos acará*, pela abundancia do peixe da especie *Chomis Acará* que nesse rio como em tantos outros da terra do Brazil se encontrava.

Offerecendo-vos estas breves observações, levo em mira significar-vos o interesse que me despertou o trabalho do Dr. Firmino Rodrigues Silva Junior e concorrer para a elucidação de uma questão que tanto affecta a historia da industria pecuaria entre nós.

Uma descripção de Fortaleza

Lê-se no livro de Mr. e M.^{me} Agassiz — *Voyage au Brésil* :

A manhan do dia seguinte foi chuvosa, mas á tarde o tempo levantou, e durante a noite fizemos a carro um longo passeio pela cidade em companhia do nosso hospede Dr. Felix José de Souza.

Amo a physionomia do Ceará. Amo suas ruas largas, asseidadas, bem calçadas, resplandescentes de toda sorte de côres, porque as casas que as bordam são pintadas de tons os mais variados.

Nos domingos e dias santificados, todas as janellas são guarnecidas de moças, que trajam alegres *toilletes*, e grupos de rapazes enchem os passeios, conversam e fumam.

O Ceará não tem este ar triste, sombrio, que apresentam muitas cidades brazileiras; sente-se alli movimento, vida e prosperidade.

Alem da cidade, continúa o traçado das ruas atravez dos campos que fecham ao longe bellas montanhas.

Em frente corre a larga praia de areias brancas, e o murmurio do mar batendo nos arrecifes chega a ouvir-se até no centro da cidade.

Parece que, assim collocado entre as montanhas e o mar, o Ceará deve ser uma cidade salubre, e é essa a reputação de que gosa.



A. de Belmar e o Ceará

Lê-se no interessante livro *Voyage aux provinces brasiliennes* de A. de Belmar :

« O littoral americano que eu costeei em minha viagem se estende até aqui para o nordeste, mas, desde a extremidade septentrional do Rio Grande do Norte, pende a esquerda e toma a direcção do noroeste correndo para o isthmo de Panamá. E', pois costeando um dos flancos do Equador que eu chego a Fortaleza, capital da provincia do Ceará.

Fortaleza é uma cidade nova, de aspecto enropeu, cujas ruas, alinhadas a cordão, são embellecidas com alguns edificios de notavel elegancia, no numero dos quaes

convem collocar o palacio do governo, um bello quartel e sobretudo a egreja cathedral. Sua população é de cerca de 25 mil almas. Encontra-se ahi um lyceu, uma junta de commercio, hospitaes, e, nos arrabaldes, cerca de 1.500 casas de palha, que servem de abrigo a classe pobre.

O porto da Fortaleza está ainda por fazer; o que existe é apenas uma enseada pouco segura, e muito menos frequentada do commercio que os portos do Aracaty, Acaracú e Granja.

A provincia do Ceará, que não tem menos de 128 legoas de costa, offerece uma extensão de 100 legoas sobre largura pouco mais ou menos igual, extensão que é povoada por 600 mil habitantes.

O paiz, em parte montanhoso e coberto de florestas virgens, em parte plano semeado de savanas verdejantes ou aridas, segundo a estação, é annualmente desolado pelo flagello da secca, que ahi faz por vezes horriveis estragos, destruindo a vegetação, os animaes e até os homens. Esta circumstancia impede naturalmente a agricultura e o industria de se desenvolverem em maior escala. O mal não é entretanto irremediavel. Poder-se-hia por meio de barragens praticadas nas gargantas das montanhas construir-se immensos reservatorios e regas que salvariam as plantações durante a estação secca.

E' facto que a configuração das serras desta provincia tornaria extremamente facil o estabelecimento destas barragens.

Seria bom tambem tornar uteis quanto possivel as aguas do Jaguaribe e de seus affluentes, e ao mesmo tempo fazer o ensaio dos poços artesianos, que, em muitos lugares da Europa tem produsido os mais felizes resultados.

Apezar destes notaveis inconvenientes, a provincia do Ceará começa a fornecer a industria e ao commercio uma importante somma de produções. A canna de assucar e os vegetaes do tropico prosperam nos terrenos antes occupados pelas florestas, o algodão produz maravilhosamente nas planices do centro e o gado augmenta nas partes incultas do territorio.

Esta provincia é além disso bastante rica em plantas medicinaes, madeiras de construcção, minas de ouro, de prata, de ferro, de cobre, de chumbo, de salitre, de crystal. A historia natural poderá achar alli uma materia tão ampla quanto variada; quanto a mim me limitarei a assignalar aqui uma verdadeira maravilha vegetal, particular a este terreno: é a carnahuba ou palmeira cerifera, cujas folhas largas, cortadas em forma de leque, servem para cobrir as cabanas e a haste é vantajosamente empregada na construcção das casas.

Seu fructo, que é uma espécie de couve, que não se pôde ter sem derrubar a arvore, forma uma fecula nutritiva, procurada em tempos de secca. D'outra parte, as raizes são medicinaes e gosam das mesmas propriedades que a salsaparrilha: mas a qualidade mais notavel desta bella arvore, que decora hoje os passeios, é que as folhas são tapeçadas de uma especie de cera ou de sebo, de que os habitantes fazem pequenas candeias.

O estado commercial do Ceará tende annualmente a augmentar na progressão que o das outras provincias brasileiras.

Não ha duvida que o melhoramento do seu porto e outras medidas realisadas pelo governo acabarão de assegurar sua prosperidade. »

